

Temas bíblico-pastorais



03

Presbítero, uma
vocação a ser
vivida à altura
do Evangelho

Dom Pedro Brito Guimarães

17

A Bíblia
reinterpretada
pela teologia da
prosperidade

Luiz Alexandre Solano Rossi

25

Cura e libertação:
uma abordagem
bíblico-teológica

Vicente Artuso, ofm

37

Roteiros
homiléticos

Aíla Luzia Pinheiro
Andrade, nj

Concepções e conceitos da ÉTICA CRISTÃ



Introdução à ética teológica

José Antonio Trasferetti, Maria Inês de Castro Millen e Ronaldo Zacharias

Este livro é resultado do esforço de três teólogos moralistas, que desejam oferecer aos leitores fundamentos para uma reflexão ética na perspectiva teológica.

Os nove temas escolhidos tocam pontos nucleares da Teologia Moral. Conectados com as decisões do Concílio Vaticano II, os autores dialogam com renomados teólogos da atualidade e, se expressam com liberdade e humildade sobre o presente e o futuro da ética teológica.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

 [pauluseditora.official](https://www.facebook.com/pauluseditora.official)

 [editorapaulus](https://twitter.com/editorapaulus)

 [paulus.com.br](https://www.paulus.com.br)



Caros leitores e leitoras,

Graça e paz!

O mundo da chamada “pós-modernidade” tende a girar em torno de “celebridades”, de ídolos ociosos, de modismos efêmeros, do consumismo. Costumes que afetam também a Igreja e a vida de fé. Diante dessas tendências culturais, é importante ter presente que a verdadeira “celebridade”, a base e centro da nossa fé, é Jesus Cristo. Toda a pastoral e os ministérios, se adequados, conduzem para ele e para o Evangelho, assim como para a práxis que deles decorrem, e não para outras coisas ou pessoas. Já o apóstolo Paulo alertava sobre a imaturidade na fé dos membros da comunidade de Corinto, ao se deixarem guiar por “instintos egoístas e agirem como qualquer um”, afirmando “eu sou de Paulo” ou “eu sou de Apolo”: “ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1Cor 3,1-15).

O gosto corrente por “celebridades”, por formas apelativas de práticas religiosas, por liturgias com caráter de entretenimento – mesmo que concebidas como um canal de comunicação com as pessoas de hoje –, se ficar apenas nisso, pode incorrer em uma espécie de mundanismo com aparências de religiosidade, sinalizar uma fé imatura e distante do compromisso com o Evangelho ou mesmo fomentar uma espécie de consumismo religioso. É preciso ter cuidado para não reproduzir na Igreja o que há de pior na sociedade. Pelo contrário, a fé cristã nos move em direção a uma consciência e modo de ser alternativos. Em vez de tomar modismos como referência, os cristãos procuram ajudar as pessoas a encontrar um referencial mais sólido, que é Cristo e o Evangelho.

Em seu artigo a seguir, Dom Pedro Brito lembra a conclamação do papa Francisco para que “não deixemos que nos roubem o Evangelho” (*Evangelii Gaudium*, n. 97). E questiona: “Quem está roubando o Evangelho de nós? Quem está deixando roubá-lo? Como é que se

rouba ou se deixa roubar o Evangelho?”, apontando também as indicações do papa: o mundanismo espiritual, o desejo de vanglória, o esquecimento da profecia.

Aparecem traços evidentes desse pragmatismo e do distanciamento do Evangelho nas mentalidades religiosas marcadas pela teologia da prosperidade e nos espetáculos religiosos. Aquela se manifesta de maneira mais clara e forte no neopentecostalismo, mas está também presente nas concepções de muitos católicos, mesmo que de maneira mais moderada, bem como nas missas temáticas, que viram *show* e esquecem o memorial do sacrifício de Cristo, e nas “missas de cura e libertação”, que tendem a uma espécie de curandeirismo populista, podendo levar a esquecer que as curas realizadas por Jesus são sinais da chegada do Reino e de tudo o que ele significa e que libertação tem um sentido muito profundo em toda a história da salvação, como transformação da realidade, e não apenas um significado intimista e individualista. Está certo que a fé e a oração têm uma dimensão sanativa, mas é preciso o cuidado de aprofundar e embasar isso para não se perder na superficialidade e no populismo.

Não se trata de fazer críticas destrutivas às atividades de comunicadores católicos que têm capacidade de interagir com o grande público ou de ministros e cantores que buscam renovação litúrgica, mas de lembrar a necessidade de aprofundamento, de não esquecer o referencial maior que é Cristo e o Evangelho; ressaltar que não convém fazer uma espécie de vale-tudo simplesmente para arrebatar gente; deixar claro que entre os seguidores de Cristo, ao longo da história, há referências bem melhores para os ministérios eclesiais que as celebridades do mundo atual. Um público numeroso, mas distante do Evangelho, não é decerto motivo de regozijo.

Pe. Jakson Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Ilustração da capa Lúcio Américo de Oliveira
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Revisão Tiago J. Risi Leme, Alexandre S. Santana, Cícera G.S.Martins
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br / www.paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Presbítero, uma vocação a ser vivida à altura do Evangelho

Dom Pedro Brito Guimarães*

A Palavra de Deus, a cruz de Cristo, a eucaristia, a comunhão com Cristo e com o Reino, a alegria, a atenção aos sinais dos tempos dão consistência à identidade, fundamentam a espiritualidade e indicam o caminho da missão do presbítero na Igreja no Brasil. Viver a vocação presbiteral à altura do Evangelho de Cristo significa viver esse ministério tendo diante dos olhos o ser e o agir de Jesus, e não modas culturais efêmeras.

Dou graças ao meu Deus, cada vez que me lembro de vós nas minhas orações por cada um de vós. É com alegria que faço minha oração, por causa da vossa comunhão no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. Eis a minha convicção: aquele que começou em vós tão boa obra há de levá-la a bom termo, até o dia do Cristo Jesus. É justo que eu pense isto a respeito de todos vós, pois vos trago no coração [...] e isto eu peço a Deus: que o vosso amor cresça ainda, e cada vez mais, em conhecimento e em toda percepção, para discernirdes o que é melhor (Fl 1,3-11).

Faço minhas essas sábias palavras de São Paulo, para dedicá-las aos meus caríssimos irmãos, presbíteros do Brasil. Chamado por Deus para apascentar o seu rebanho, todo presbítero deve dizer em primeiríssima pessoa ao povo de Deus que lhe foi confiado: “Trago-vos no meu coração”. Essa deve ser a sua consolação e a razão do seu ser e do seu viver. Cuidar do rebanho de Cristo, dando a este tudo o que tece a existência: amor, afeto, ternura, consolação, perdão, encorajamento nos momentos difíceis. A própria vida deverá ser a verdadeira alegria de um coração consagrado.

* Arcebispo metropolitano de Palmas, presidente da Comissão Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada; doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, compositor de várias canções religiosas. E-mail: dompedrito@msn.com



Evidenciar a grandeza da vocação presbiteral e a necessidade imperiosa da conformidade desta com o Evangelho de Cristo é o intento deste artigo.

Presbítero, homem da Palavra

Ao presbítero, homem da Palavra, por conta da especificidade da sua vida, vocação e missão, muito se atribui, dele muito se pede, se exige e se espera. Uma coisa, no entanto, é-lhe pedida solenemente: “Viver à altura do Evangelho de Jesus Cristo” (Fl 1,27a). Quando isso acontece, ele atinge o estado de homem perfeito, à estatura da maturidade de Cristo (cf. Ef 4,13). E pode dizer como são Paulo: “Para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,21).

A Bíblia acompanha e marca, sacramentalmente, as várias etapas da vocação, da formação, da vida e da missão de um presbítero. Quando ainda candidato, o seminarista, ao ser-lhe conferido o ministério de leitor, recebe o livro da Sagrada Escritura com as seguintes palavras: “Recebe este livro da Sagrada Escritura e transmite com fidelidade a Palavra de Deus, para que ela possa frutificar cada vez mais no coração das pessoas” (*Pontifical Romano*, Paulus, 2008, n. 250). No rito da ordenação diaconal, é entregue novamente ao candidato o livro dos Evangelhos, com estas palavras: “Recebe o Evangelho de Cristo, do qual foste constituído mensageiro: transforma em fé viva o que leres, ensina aquilo que creres e procura realizar aquilo que ensinas” (idem, n. 174). Na ordenação presbiteral, o candidato é interrogado se quer, “com dignidade e sabedoria, desempenhar o ministério da Palavra, proclamando o Evangelho e ensinando a fé católica” (idem, n. 126). E, por fim, na ordenação episcopal, sob a cabeça do bispo, é colocado o Evangelho com as

palavras seguintes: “Recebe o Evangelho e anuncia a Palavra de Deus com toda a constância e desejo de ensinar” (idem, n. 94).

O cuidado com a Palavra é a marca do ministro ordenado. Certamente é do conhecimento de todos que, na mensagem final do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, os padres sinodais apresentaram os horizontes da Palavra de Deus a partir dos quatro pontos cardeais: “a Palavra tem uma voz: a revelação; um rosto: Jesus Cristo; uma casa: a Igreja; e um caminho: a missão” (cf. Mensagem final do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra).

O presbítero é considerado, na Igreja, o homem da Palavra: da vivência, do anúncio e da missão da Palavra. A Palavra de Deus e a palavra da Igreja são tudo na sua vida e na sua missão.

Ele deve estar atento e obedecer

à Palavra do Mestre, como Pedro: “*Duc in altum*” (Lc 5,4). Da atenção à Palavra nasce a missão de “*Duc in docendo*”: “prega a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente, repreende, censura e exorta com bondade e doutrina” (2Tm 4,2). Quando cuidamos bem da Palavra, ela também cuidará bem de nós, como dizia são Jerônimo. Por isso, precisamos nos perguntar diuturnamente: “O que tem a ver o que estou fazendo com o Evangelho?” (MARTINI, *O bispo*, Paulus, 2014, p. 25). O presbítero deve também obedecer à palavra da Igreja que, ao mesmo tempo, é verdadeira, “empenhativa” e eficaz. Verdadeira porque não contém mentira; “empenhativa” porque compromete; eficaz porque aquilo que diz acontece.

Segundo o papa Francisco, “nota-se hoje nos agentes de pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade” (*Evan-*

“Quando
cuidamos bem
da Palavra, ela
também cuida
bem de nós.”

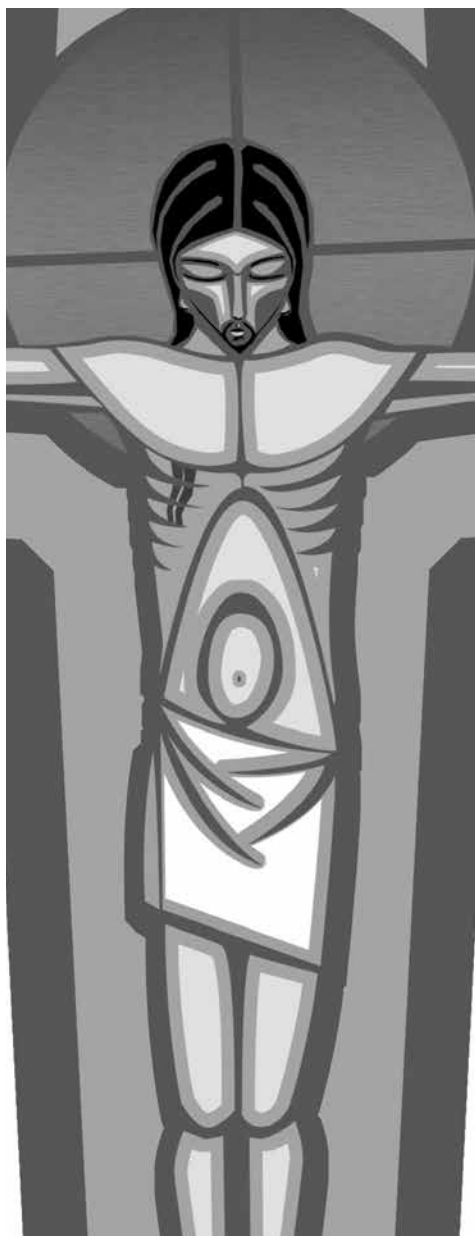


gelii Gaudium, n. 78). E ele nos conclama para que “não deixemos que nos roubem o Evangelho” (idem, n. 97). Quem está roubando o Evangelho de nós? Quem está deixando roubá-lo? Como é que se rouba ou se deixa roubar o Evangelho? Encontramos nas palavras de Francisco três respostas:

1) *O mundanismo espiritual*, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja e significa buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal (idem, n. 93). Ele se alimenta, sobretudo, de duas maneiras profundamente relacionadas: o fascínio do gnosticismo, da fé fechada no subjetivismo, em que apenas interessa determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos; e o neopelagianismo autorreferencial e prometeico de quem, no fundo, só confia nas próprias forças e se sente superior aos outros, por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo católico próprio do passado (idem, n. 94).

2) *A vanglória*, de quem se contenta com ter algum poder e prefere ser general de exércitos derrotados, em vez de simples soldado de um batalhão que continua a lutar. Quantas vezes sonhamos planos apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim negamos a nossa história de Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fadigoso. Em vez disso, entretemo-nos vaidosos a falar sobre “o que se deveria fazer” como mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções ficando de fora (idem, n. 96).

3) *A rejeição da profecia*: quem cai no mundanismo olha de cima e de longe, rejeita



lúcio américo
arte sacra

tendalucio@gmail.com
(11) 98729.6727

www.lucioartesacla.com



a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência. Circunscreveu os pontos de referência do coração ao horizonte fechado da sua imanência e dos seus interesses e, conseqüentemente, não aprende com os seus pecados nem está verdadeiramente aberto ao perdão. É tremenda corrupção, com aparências de bem. Devemos evitá-lo, pondo a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres. Deus nos livre de uma Igreja mundana, sob vestes espirituais ou pastorais! Esse mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de ficarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus (idem, n. 97).

**“O importante
é não fazer um
pacto com a
mediocridade, mas
viver na medida alta
do Evangelho.”**

Presbítero, homem atento aos sinais dos tempos complexos

Após 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II, hoje temos um panorama dos presbíteros da Igreja no Brasil mudado e diversificado: 22.119 presbíteros, mais brasileiros, mais do clero diocesano e mais novos;¹ 276 dioceses e em torno de 486 bispos; 10.760 paróquias e mais de 100 mil comunidades eclesiais católicas, espalhadas pelo território brasileiro. Por esses dados estatísticos, trata-se de uma Igreja viva, rica de carismas, serviços e ministérios.

No entanto, ela já se ressentia da drástica diminuição das vocações ao ministério ordenado e à vida consagrada. Ainda não estamos à beira do limite do tolerável, como em outras partes do mundo, mas já se sente na pele

essa crise vocacional. Não é mais possível simplesmente ignorá-la ou relativizá-la.

Ao presbítero, na Igreja católica, é reservada, destinada e confiada uma missão especial e crucial de renovação e edificação da Igreja. Por isso, faz-se necessária a apreciação e compreensão da sua identidade, espiritualidade e missão e dos meios para tornar o seu ministério mais eficazmente possível. O presbítero participa da missão de Jesus. Não se devem esquecer nunca estas palavras de Jesus: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Só com Jesus podemos realizar o nosso ministério, deixando-lhe a total e soberana iniciativa. Não temos nada nosso para oferecer às pessoas; não somos nada sem o Senhor; nada podemos fazer sem obedecer ao Senhor e comungar com ele.

A exemplo de Cristo, o presbítero deve falar ao coração das pessoas e anunciar-lhes as alegrias do Reino; apontar para as realidades do céu. Ver o que há de positivo em cada ser humano e encontrar ali um caminho para comunicar-lhe a ternura do coração de Deus. Não deve andar à procura das fraquezas das pessoas, para explorá-las pastoralmente. É melhor deter-se no que existe de grande, de nobre, de belo e de sublime na vida e despertar o gosto pela beleza das coisas de Deus. Todos queremos ser felizes, mas somente Deus, revelado no rosto de Jesus de Nazaré, pode preencher a grandeza, a altura, a profundidade e a largura do nosso coração. “Só Deus basta”, dizia santa Teresa. Santo Agostinho resume a experiência de sua vida com estas palavras: “Criaste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração até que repouse em ti” (AGOSTINHO, *Confissões* I, 1).

O serviço presbiteral, mesmo com todas as cruzes que naturalmente essa missão comporta, é circundado pela luz transfigurante da ressurreição de Cristo. Tenhamos a cora-

¹ Estamos realizando uma pesquisa para termos os dados atualizados sobre os presbíteros no Brasil.



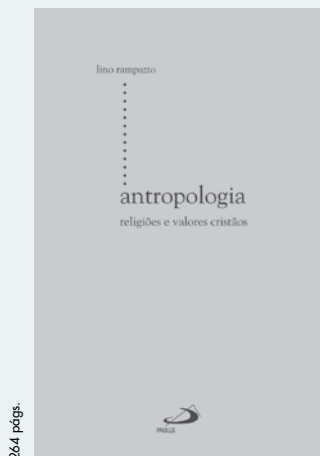
gem de dizer ao mundo que a vida daqueles que acreditam na força da ressurreição já está escondida com Cristo em Deus (cf. Cl 3,3). Ele é a nossa força, o nosso canto e a razão do nosso viver. O amor de Deus será sempre capaz de transformar as tempestades da vida em brisa leve e suave. Como dizia são Jerônimo: “Ninguém deve desesperar-se nesta vida. Tens Cristo e estás com medo? Será ele a nossa força, ele o nosso pão, ele o nosso guia” (SÃO JERÔNIMO, *Breviarium in Psalmos*, PL 26, 1224).

Não temos, portanto, nenhum motivo para anunciar somente e sempre mensagens de derrota e pessimismo, tocar marcha fúnebre e entoar cânticos de lamento. Não temos o direito de sermos profetas do mau agouro. Devemos proclamar a mensagem da ressurreição, da alegria e da esperança. Sejam presbíteros destemidos e corajosos, capazes de contagiar o mundo com a boa-nova do Evangelho de Cristo ressuscitado. Olhemos para o futuro com confiança e otimismo, mesmo em meio a todas as dificuldades, não obstante as trevas que nos rodeiam. Cristo já venceu o mundo e com ele seremos mais que vencedores (Rm 8,37; 1Jo 5,4).

Como Jesus, sejamos presbíteros dispostos a dar sempre o primeiro passo: indo ao encontro dos excluídos e marginalizados, oferecendo e pedindo perdão. A Igreja é hóspede das casas alheias. Quando uma paróquia faz muito sucesso, tenhamos o cuidado para não cometer o erro de pensar que o Reino de Deus chegou e confundir o pároco com o Messias. O presbítero deve viver em sua própria pele as contradições, as fragilidades, as expectativas e as esperanças do seu tempo, com todas as suas complexidades. O importante é não fazer um pacto com a mediocridade, mas viver na medida alta do Evangelho. É necessário então que sejamos presbíteros enamorados do nosso sacerdócio, conquistados pelo ideal de serviço, a exemplo de Cristo Pastor, bom e servo por amor. O tem-

Antropologia Religiões e valores cristãos

Lino Rampazzo



A redescoberta e valorização do ser, do crer e do agir constituem o objetivo desta publicação. A abordagem antropológica, depois de uma reflexão sobre os vários níveis de conhecimento, apresenta as diferentes manifestações do ser humano e a problemática sobre seu “ser”, sua “autotranscendência” e sua dignidade de “pessoa”. A reflexão sobre as religiões indica os elementos fundamentais de seis sistemas religiosos particularmente significativos: hinduísmo, budismo, religião de Israel, cristianismo, islamismo e ritos afro-brasileiros.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





po e a vida não nos pertencem: são de Deus e dos irmãos. Viver a espiritualidade presbiterial desse modo implica sermos presbíteros 24 horas por dia. Grave erro em nossa vida cometemos quando separamos os momentos ministeriais litúrgicos do resto de nossa vida: presbítero no altar, homem no mundo. O povo de Deus nos quer ver como presbíteros em qualquer lugar; quer sempre encontrar em nós homens cheios da vida de Deus e entusiasmados pela opção de vida que fizemos.²

Presbítero, pai espiritual, por amor e no amor

O amor é o sentimento mais difundido no mundo. O amor é o mandamento mais conhecido em todo o mundo. O amor é a ação mais praticada no mundo, mais do que o ódio, a vingança, a violência e outros mais. O amor é o nome do Deus cristão (1Jo 4,8). Os românticos tem o amor em suas canções como palavra preferida. As mães e os pais vivem para amar. Os sábios têm o amor como a palavra-chave. Os mártires morrem por amor. O amor é a seiva de uma vida autêntica e verdadeira. Só o amor constrói e li-

“Quando uma paróquia faz muito sucesso, tenhamos o cuidado para não cometer o erro de pensar que o Reino de Deus chegou e confundir o pároco com o Messias.”

berta para a vida plena. Só o amor conduz à vida feliz junto de Deus. O amor é a única virtude que permanecerá para sempre.

O presbítero vive por amor ao Evangelho de Jesus Cristo. O amor é a síntese de tudo na sua vida e na sua missão. A tradição cristã convencionou chamar o presbítero de “padre”. Padre é uma tradução literal da palavra *pai*. O presbítero é, de fato, pai espiritual da comunidade eclesial. Chamar o presbítero de pai é uma das expressões de amor, de carinho e de reconhecimento de seus filhos. Além da paternidade biológica, existe a paternidade existencial e espiritual. “O padre é o amor do coração de Jesus” (são João Maria Vianney). É pai por-

que ama e ama porque é pai. E o amor que nasce do coração do presbítero é um amor generativo e regenerativo. Ainda que não se case, o padre não é estéril. O padre gera filhos para Deus. Os filhos de Deus são gerados nas entranhas do amor do padre. São Paulo expressou essa sua paternidade, chamando os irmãos de “meus filhos queridos”, pois, segundo ele, os gerou em Cristo, pelo anúncio do Evangelho (cf. 1Cor 4,15). Por incrível que pos-

sa parecer, o presbítero (há quem pense o contrário!) tem seus amores: a Jesus, à Sagrada Escritura, à Igreja, à Virgem Maria e ao povo de Deus. O padre Ibiapina, o santo do sertão nordestino, tinha três amores declarados: à eucaristia, a Maria e aos pobres retirantes.

O presbítero então forma filhos para Deus, para a Igreja e para a sociedade por amor. O papa Francisco nos pede que “não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno” (*Evangelii Gaudium*, n. 98-101). Quanta guerra entre nós! Às vezes, tem-se a impressão de que reproduzimos na Igreja o que a sociedade tem de pior: desunião, contenda, rixa, fofoca, murmuração e competição. Ele tem um livrinho, escrito ainda quan-

2 “É preciso ser sacerdotes que falem de Deus ao mundo e que apresentem o mundo a Deus; homens não sujeitos a modas culturais efêmeras, mas capazes de viver autenticamente aquela liberdade que somente a certeza da pertença a Deus é capaz de dar [...]. A vida profética com a qual serviremos Deus e o mundo, anunciando o Evangelho e celebrando os sacramentos, favorecerá o advento do Reino de Deus já presente e o crescimento do povo de Deus na fé. [...] Os fiéis leigos encontrarão em tantas outras pessoas aquilo de que humanamente precisam, mas somente no sacerdote poderão encontrar aquela Palavra de Deus que deve estar sempre em seus lábios: a misericórdia do Pai, que se prodiga de maneira abundante e gratuita no sacramento da reconciliação; o pão de vida nova, ‘verdadeiro alimento dado aos homens’” (PAPA BENTO XVI, Alocução dirigida aos participantes do Congresso Teológico sobre o Sacerdócio, Roma, 12 mar. 2010. Disponível em: <www.zenit.org>).



do era cardeal em Buenos Aires, que aborda, com maestria, o que veementemente tem combatido na Igreja como papa: a fofoca, a murmuração e a crítica. Ele chama o murmurador de “homem sem remédio”.³ Toda vez que perdemos de vista a grandeza do mistério da comunhão da Igreja, para ficarmos presos à mesquinhez de uma pessoa, à fragilidade de determinado grupo, ao erro de determinado período histórico, perdemos a capacidade de contemplar o mistério de Deus agindo em nós.

Presbítero, Cireneu das alegrias do mundo

O segredo da vocação presbiteral está no encantamento por Jesus, sua Igreja e seu povo. Ninguém segue fielmente, por muito tempo, alguém por quem não tenha admiração e encanto. A perseverança do presbítero na missão depende da contínua adesão ao estilo de vida missionária de Jesus. O vigor da espiritualidade presbiteral se expressa na capacidade de se reencantar cada dia por seu Mestre e partir, sem olhar para trás (cf. Lc 9,62). O segredo da fidelidade presbiteral está no fascínio por Jesus, por sua pessoa, por seu Evangelho e projeto de vida. Em quem vive desse modo a chama da vocação se mantém acesa, a vida não perde o sentido nem se torna fadigosa e rotineira.

E um dos sinais mais evidentes desse encantamento é a alegria. Conhecemos a cena segundo a qual, “enquanto levavam Jesus, tomaram certo Simão de Cirene, que vinha do campo, e impuseram-lhe a cruz, para levá-la atrás de Jesus” (Lc 23,26; Mc 15,21; Mt

3 “Santo Agostinho chama o murmurador de ‘homem sem remédio’: os homens sem remédio são aqueles que deixam de cuidar de seus próprios pecados para reparar os dos outros. Não buscam o que se há de corrigir, e sim o que podem criticar. E, ao não poder escusar a si mesmos, estão sempre dispostos a acusar os outros” (Jorge M. BERGOGLIO, *Sobre a acusação de si mesmo*, Ave Maria, 2013, n. 8).

Teologia do prazer

Ana Márcia Guilhermina de Jesus
José Lisboa Moreira de Oliveira



O tema do prazer ainda é considerado um grande tabu pela maioria dos cristãos. Embora a Bíblia judaico-cristã veja essa questão com otimismo, a influência maniqueísta, infiltrada nas comunidades cristãs primitivas, terminou por se impor, levando o cristianismo a ver o prazer com bastante pessimismo. O prazer ainda é visto de forma muito negativa e nunca mereceu um tratado específico de teologia. Esta obra enfrenta essa questão e, por isso, destina-se a todos que queiram aprofundar essa temática tão vital e tão marcante para a vida humana.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





27,32-33). Esse texto sempre inspirou místicos e ascetas a se tornar, como o Cireneu, socorredores dos sofrimentos do mundo. Por que também não inspirar o presbítero a carregar, além das dores, as alegrias do mundo? Somos chamados a carregar as cruzes do mundo, que, ao mesmo tempo, são sinais de dor e sofrimento, mas também de esperança e alegria, pois, afinal, a cruz de Cristo é sempre pascal. A “sequela Christi” exige isto: somos portadores de algo maior do que simplesmente a dor. “Somos Cireneus das alegrias do mundo.”⁴ Muitos querem um cristianismo sem cruz. Querer um cristianismo sem dor, sem cruz e sem morte é uma das maiores tentações do nosso tempo. Mas não existe um cristianismo sem cruz. E, se existe, é insuficiente (cf. Gabino URIBARRI, *Três cristianismos insuficientes*, disponível na internet). Não queiramos um Cristo sem cruz nem uma cruz sem Cristo. Queiramos, ao contrário, a nossa cruz na cruz de Cristo e Cristo na nossa cruz.

O *Documento de Aparecida* fala 30 vezes de alegria. Entre elas: “Conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossa vida, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAP 29). O papa Francisco diz que “há muitos cristãos que parecem ter escolhido uma Quaresma sem Páscoa” (*Evangelii Gaudium*, n. 6). E ainda: “um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral” (idem, n. 10). Diante das ações proféticas

simbólicas que manifestam a chegada do Reino, a começar pelo próprio Jesus, a primeira reação é a alegria. A alegria de Jesus (Lc 10,20-24) diante da realidade do Reino é algo que ainda não foi suficientemente valorizado pelos exegetas, teólogos e pastoralistas. A alegria é verdadeira ação profética, reação lógica diante da chegada do Reino. Jesus é o primeiro a ser transformado por essa alegria, porque vive plenamente o mistério do Reino. A alegria manifesta a sua compreensão fascinante no momento em que o Reino se avizinha. Porém a causa central da alegria e da felicidade de Jesus é o convencimento do amor de Deus para com o mundo. Portanto, a alegria não é um sentimento emocional, momentâneo e descomprometido. É, ao contrário, o sinal da presença do Reino.

Presbítero, homem unido a Jesus como o ramo à videira

Em seu discurso, ocorrido no cenáculo, na última ceia, Jesus conta a parábola da videira para comparar a sua relação com o Pai e com os discípulos, pela eucaristia, à que existe entre a videira, os ramos e o agricultor (cf. Jo 15,1-11). A videira, no Antigo Testamento, indica o povo de Israel: a videira que Deus plantou com muito carinho nas encostas das montanhas da Palestina (cf. Is 5,1-7; Sl 80). A videira também é considerada a árvore da vida para os gregos e para os romanos. No entanto, essa videira não correspondeu ao que Deus esperava. Em vez de uvas boas, deu uvas azedas, que não prestam para nada. Agora, com Jesus, há uma mudança: o Pai continua sendo o agricultor, Jesus é a videira verdadeira e nós, os ramos dessa videira verdadeira. Quem permanece unido a Jesus produz frutos de evangelização e de missão.

A parábola da videira é uma parábola da existência humana e, por que não dizer, da

“O segredo da vocação presbiteral está no encantamento por Jesus, sua Igreja e seu povo.”

⁴ Essa frase é retirada de um livro que descreve a peregrinação a Lourdes de alguns padres idosos e doentes, guiados espiritualmente por dom Tonino Bello, então bispo de Molfetta. Tonino Bello é, para a Itália, o que muitos bispos são para o Brasil: poeta, profeta e pastor dos pobres. Nessa peregrinação, como se anunciasse um presságio, dizia: “Eu estou doente também!” Aparentemente não estava. Mas, depois de dois anos dessa peregrinação, morreu de câncer no pulmão. Hoje seu túmulo é lugar de romaria.



vida, da identidade e da missão presbiterais. Dessa parábola, como parábola da existência presbiteral, destacaremos três elementos:

Primeiro, a **unidade**. Videira sem ramos não existe. Nem ramos sem tronco. Para que um ramo possa produzir frutos, deve estar unido à videira. Só assim consegue receber a seiva. “Sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15,5b). O presbítero, pelo sacramento da ordem, se une e se incorpora a Cristo como o ramo no tronco da videira. O sacramento da ordem incorpora o presbítero aos atos de autodoação de Jesus⁵ e o transforma em servidor do Reino e fiel gerador de vida, de amor, de fidelidade e de serviço. Enquanto estiver ligado a Jesus, o Tronco, recebe dele a seiva que vem do Pai e produz frutos de vida, paz e justiça. Ao se desligar e se distanciar de Jesus, o Amor do Pai, sua vida perde sentido e encantamento, seca e morre. Ao contrário, unido a ele, glorifica ao Pai com suas ações pelo Reino. E é essa unidade que constitui a identidade, fundamenta a espiritualidade e indica a missão do presbítero.

Segundo, a **poda**. Todo ramo que em Jesus não produz fruto, o Pai o corta. Ramo que não produz fruto é cortado, seca e é recolhido para ser queimado. Não serve para mais nada, nem para lenha. Assim como o agricultor limpa e purifica a videira pela poda, Deus nos purifica pela Palavra de Jesus Cristo. O que acontece com uma videira acontece também na vida do presbítero, que também deve passar por boas podas para produzir frutos. A poda é dolorosa, mas necessária. Ela purifica o presbítero, para que cresça e produza mais frutos. Para que o presbítero permaneça na Igreja unido a Cristo e produza fruto, é preciso um trabalho manual e artesanal de poda de um agricultor zeloso e dedicado. “A vocação é

5 Para o tratamento mais detalhado dessa questão, cf. Pedro BRITO, *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos – um contributo ao conceito dogmático de sacramento, à luz da exegese contemporânea*, Tesi Gregoriana, 46, Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1998, 19ss).

A fé no evangelho

José Comblin



Fé é bem diferente daquilo que se ensinava há poucos anos. Ensina-se que a fé consiste em acreditar em toda a doutrina proposta pelo magistério eclesial. Insistia-se muito no caráter misterioso da fé. Os dogmas eram apresentados de tal maneira que pareciam puros mistérios incompreensíveis. A fé era justamente crer no inacreditável. Já faz tempo que os teólogos procuraram mudar essa longa prática catequética. A fé não é ato intelectual. A fé consiste em nos entregar a Jesus sem saber por onde passará o caminho pelo qual nos conduz. Não é um sacrifício: é um imenso benefício.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





como um ‘diamante bruto’ a ser lapidado, para que brilhe em meio ao povo de Deus. [...] A formação é uma obra artesanal, e não policial. O objetivo é formar religiosos que tenham um coração tenro, e não azedo como o vinagre”.⁶ E esse trabalho artesanal de poda e de lapidação deve ter as ferramentas e as marcas do sacrifício, da humildade, da simplicidade e da obediência. Caso contrário, não produz frutos. É preciso investir mais nesse tipo de poda para produzirmos frutos de unidade, reconciliação e curarmos as feridas das insatisfações, das rejeições, dos ressentimentos, dos sentimentos contraditórios e dos dinamismos opostos. O celibato, vivido com amor, é também uma forma de poda na vida de um presbítero.

Terceiro, os **frutos**. Outro aspecto muito importante da parábola da videira para a vida de um presbítero é dar frutos. O resultado natural quando um ramo permanece ligado à videira é dar frutos. Dar frutos significa que a salvação não deve ser nem ficar limitada somente a nós. Quando a videira dá frutos, eles servem para alimentar e, consequentemente, são úteis para as pessoas. Assim é o presbítero que dá frutos. Sua vida, quando ligada à videira verdadeira, que é Jesus, será fonte inesgotável do amor, pronta para ajudar a todos os que necessitem de uma palavra de ânimo.

Como então produzir bons frutos, para não nos tornarmos videiras improdutivas? Primeiro, a alegria de sentir-se “servo inútil”, isto é, servidor não de um projeto pessoal, subjetivo, mas de um projeto objetivo, de Deus. Segundo, a alegria de servir a Igreja em comunhão com o papa, o bispo, os

outros presbíteros e o povo de Deus. Terceiro, a liberdade de sentir-se livre, desapegado, independentemente de qualquer reação das pessoas. Em geral ainda não somos nem alegres nem livres por causa da nossa suscetibilidade: ou somos preguiçosos, ou levamos adiante um projeto e nos ligamos a ele como se fosse nosso, e não de Deus. Enfim, produz bons frutos para o Reino aquele que é colaborador e servidor de um projeto não pessoal, mas de Jesus e da sua Igreja, em comunhão e união com ele. E, produzindo frutos, temos certeza de que o Pai cuidará ainda mais, limpará e fará de tudo para continuarmos cada vez mais produzindo bons frutos.

Por fim, faço minhas as palavras do padre Adroaldo: “Esta videira albergará milhares de nomes: chama-se *esperança* para aqueles que sonham outro mundo possível; chama-se *amada paz* para aqueles que vivem em meio à barbárie dos conflitos; chama-se *liberdade* para aqueles que foram privados dos seus direitos fundamentais; chama-se *justiça* para aqueles que vivem continuamente sendo espoliados e explorados; chama-se *beleza*, porque tudo o que foi criado é bom e precioso; chama-se *humanidade*, porque é neste ‘húmus-chão’ que a presença do Ruah transforma a existência” (Adroaldo PALAORO, *Somos terras do Espírito*, disponível na internet). Desse modo, nosso *caos* (desordem, feiura, sujeira) existencial se transformará em *cosmos* (harmonia e beleza) eclesial.

Presbítero, homem “consumido” como eucaristia

“Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto” (Jo 12,24). Escolhemos dois símbolos eucarísticos para finalizarmos esta breve dissertação sobre a identidade, a espiritualidade

6 PAPA FRANCISCO, em duas ocasiões: primeiro, aos participantes da 82ª Assembleia Geral da União dos Superiores Gerais, em Roma, 29/11/2013; segundo, na Reunião Plenária da Congregação para o Clero, também em Roma, no dia 3/11/2014.



e a missão do presbítero da Igreja no Brasil: a “videira-vinho” e o “trigo-pão”. Além de serem símbolos eucarísticos, são símbolos da vida e da missão de um presbítero. Porque, como disse o padre Chevrier, “o padre é um homem consumido”.

Para entender a eucaristia, é preciso, antes de tudo, entender sete elementos essenciais (cinco pães e dois peixes) sem os quais a sua compreensão fica prejudicada, imprecisa e incompleta:

1) Quem é **Jesus Cristo**. A eucaristia é Jesus, sua pessoa, sua vida, seu corpo e seu sangue, entregues por nós. Na eucaristia estão contidas toda a vida e toda a missão de Jesus. A eucaristia é *cristofania*: é Cristo e fala de Cristo (“Eu sou o pão da vida”, Jo 6,35). O lugar da eucaristia é a cristologia.

2) O significado do mistério pascal: a autodoação, memorial da autoentrega, total e irrestrita, do seu corpo e do seu sangue. A eucaristia é a pró-existência de Jesus: “Isto é o meu corpo doado e meu sangue derramado por vós” (Lc 22,19).

3) O significado do pão e do vinho, frutos da terra e do trabalho humano. A eucaristia é o pão e o vinho transubstanciados no corpo e no sangue de Jesus, memorial da morte e da ressurreição de Jesus: o trigo caído por terra e a videira podada. O pão corresponde ao sentimento de fome e o vinho ao de sede. A eucaristia é pão da vida eterna para matar a fome do mundo: “O pão que eu vos dou é a minha própria carne para a salvação do mundo” (Jo 6,51).

4) O que é a Igreja. A eucaristia é o grande presente que Cristo, o esposo, deixa de herança à Igreja, sua esposa, no dia da sua despedida (SC 47). A Igreja sempre foi concebida como o corpo de Cristo. Jesus, por meio da eucaristia, funda a Igreja como comunidade da nova aliança. A Igreja vive da eucaristia. Ela sempre foi considerada o “sacramento da Igreja”: a eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a eucaristia.

A glória de Deus é o homem vivo

A profissão de fé de santo Irineu

Donna Singles



208 págs.

Aliando a paixão ao rigor e à competência de um longo contato com a obra de Irineu de Lyon, o primeiro grande teólogo da Igreja, a professora de Teologia Donna Singles nos propõe aqui sua “chave de leitura” para entrar em sua linguagem, que era a dos primeiros séculos, e descobrir de que modo ela pode nos tocar e nos iluminar hoje. Os capítulos do livro simplesmente se dispõem de acordo com os artigos do Credo, o símbolo dos apóstolos, sendo a fé de Irineu interrogada sobre cada um desses artigos. Como consequência disso, podemos encontrar uma apresentação clara e acessível.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Não se edifica nenhuma comunidade se não tiver a sua raiz e o seu centro na eucaristia (PO 6). Comer o pão eucarístico é construir comunhão com a comunidade, participar, servir e viver o compromisso de fraternidade comunitariamente.

5) O que é liturgia (SC 5 e 7). A Igreja celebra o memorial litúrgico do mistério pascal de Jesus na eucaristia como um grande hino de ação de graças (eucaristia = ação de graças) ao Pai. A eucaristia é o memorial litúrgico da aliança de Deus com seu povo, por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus (SC 10). Foi ele mesmo quem disse: “Fazei isto em minha memória”. Na força do Espírito Santo (SC 6; GS 38), a Igreja celebra a eucaristia como uma fonte que brota e jorra graças e provoca em nós ação de graças.

6) O sacerdócio. Cristo se oferece na eucaristia como sacerdote e mediante o ministério do sacerdote. O sacerdócio de Jesus não é cultural, mas existencial, ou seja, a doação de sua vida. Quem dá a sua vida como Jesus é sacerdote e vive plenamente um estilo de vida sacerdotal-eucarístico. A eucaristia está no centro da vida, do ministério e da espiritualidade do presbítero. A ele se dirige o convite: “Vive o mistério que é colocado em tuas mãos” (*Pastores Dabo Vobis*, n. 24 e 26). O celibato é uma forma de o sacerdote se consumir pelos irmãos.

7) Amor social. A eucaristia é o gesto mais sublime da solicitude, da estimulação e da imperiosa caridade de Jesus por nós: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim...” (Jo 13,1ss).

O Concílio Vaticano II fala da eucaristia como o tesouro da Igreja e como a fonte e o cume de toda a evangelização (*Presbyterorum Ordinis*, n. 5). É impossível compreender o ministério presbiteral sem o mistério da eu-

caristia. Em um só ato, Jesus instituiu a eucaristia e o sacerdócio. A unidade entre eucaristia e sacerdócio é intrínseca e indissolúvel. Sem sacerdócio não há eucaristia, e sem eucaristia o sacerdote não pode realizar plenamente a sua missão.

Na eucaristia, somos convidados, cada dia, a seguir o Senhor com doação total, a reconhecê-lo na palavra e na fração do pão, a acolhê-lo no mistério da fé. Toda eucaristia é renovado convite ao discipulado, ou

seja, a estar na escola de Cristo, para viver como ele e testemunhar a sua real presença entre nós. Viver a nossa vida como discípulos significa aceitar o escândalo da cruz. Também a eucaristia, máxima celebração da glória da cruz, é “escândalo” para ser vivido. O nosso radicalizar-se na eucaristia nos liberta

da lógica da eficiência: pondo-nos em comunhão pessoal com o corpo e o sangue de Cristo, aprendemos a viver a lógica da cruz e amadurecemos para a ressurreição. Participando cotidianamente do sacrifício eucarístico de Cristo, o presbítero se faz realmente seguidor de Cristo e se liberta do risco do intimismo e do formalismo exterior. Desse modo, sua vida se torna, como a vida de Cristo, submissão ao Pai e acolhimento do seu juízo e do seu projeto para a nossa vida. Esse seguimento se realiza na escuta atenta da Palavra de Deus, na oração, no sacrifício cotidiano, na atenção aos sinais dos tempos, nos quais Deus se manifesta ao mundo e a nós. Essa espiritualidade eucarística se torna, realmente, uma encarnação nas vicissitudes do tempo, único meio possível de realizar o caminho da santidade.

A espiritualidade presbiteral é intrinsecamente eucarística. A semente dessa espiritualidade encontra-se já nas palavras que o bispo pronuncia na liturgia da ordenação: “Recebe a oferenda do povo santo para apre-

**“A presença real
de Jesus Cristo se
estende a todas
as formas da
autêntica vida
cristã.”**



sentares a Deus. Toma consciência do que virás a fazer; imita o que virás a realizar, e conforma a tua vida com o mistério da cruz do Senhor”. Desse modo, vemos que o presbítero é chamado a ser continuamente um autêntico perscrutador de Deus, embora, ao mesmo tempo, permaneça solidário com as preocupações humanas. Uma vida eucarística mais intensa permitirá ao presbítero entrar mais profundamente em comunhão com o Senhor e o ajudará a deixar-se possuir pelo amor de Deus, tornando-se sua testemunha em todas as circunstâncias da vida, mesmo nas difíceis e obscuras.

Comungar do corpo e sangue de Cristo implica um compromisso sério de comunhão com Deus e com a vida dos irmãos. Caso contrário, a eucaristia permanece um sacramento incompleto. Se esta não entra, de verdade, na vida, permanece um episódio acontecido; um mistério de uma resposta rejeitada, de um convite não acolhido, como revela a parábola do banquete nupcial.

As realidades celebradas no altar da eucaristia devem também ser celebradas diariamente no altar da vida. A eucaristia que celebramos não nos traz para o interior da Igreja simplesmente para nos congregarmos por alguns instantes, mas nos remete à missão, ao mundo que deve ser transformado. A atitude e as disposições requeridas por parte dos que participam ativamente da celebração eucarística decorrem do conteúdo e significado mesmos do mistério celebrado. Trata-se da celebração do mistério pascal, ou seja, da morte e ressurreição do Senhor, fonte de nossa salvação. Trata-se da celebração da encarnação de um Deus que entra na nossa história e em nossa vida cotidiana. Trata-se de cantar a vitória desse Deus sobre a morte, que se abateu sobre ele por força de seu amor pela humanidade. Trata-se, também, e não menos, de celebrar sua entrega à morte, que será o selo da vida por ele vivida, em pró-existência amorosa, e resgatada do

Trânsitos religiosos, cultura e mídia **A expansão neopentecostal**

Adilson José Francisco



Com raro cuidado, maestria e ética em relação a seus depoentes, Adilson José Francisco culminou seu doutorado, na PUC-SP, nos legando esta significativa contribuição para repensarmos a sociedade brasileira, em sua formação social, cultural e religiosa. Uma leitura que convida a mergulhar em desafios que vêm ganhando contornos desde as últimas décadas do século XX e que modulam, junto a outras conjugações sociais, raciais e culturais, as figuras humanas e religiosas da era contemporânea.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





poder das trevas pelo Pai, que o proclama vivo para sempre na força do Espírito Santo. É o momento mais densamente sagrado da vida cristã e requer atitudes condizentes por parte dos que dele se aproximam.

Portanto, a presença real de Jesus Cristo se estende a todas as formas da autêntica vida cristã, com a qual os batizados fazem a salvação acontecer na história. Não somos cristãos para ir à missa, mas vamos à missa para ir à vida e a suas periferias. Celebrar a eucaristia é participar do sacrifício da Páscoa e da aliança nova, vivenciá-lo e dele viver, para ser, de verdade, discípulos de Jesus. No final de cada missa, começa a missão cristã: isto é, o envio para a vida, para a prática do amor e da partilha, para o testemunho da solidariedade e da esperança entre as pessoas, começando por aquelas que estão mais próximas a nós, familiares e amigos, até atingir a todos, sobretudo os mais distantes e afastados. “Façam isto em minha memória” significa fazer o que Jesus fez, para que a sua presença permaneça atual. Significa fazer de nossa vida alimento para que outros tenham vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10).

O presbítero é, por excelência, o homem da eucaristia. Por meio dele, o Espírito Santo realiza o grande milagre do Infinito que se faz migalha de pão para a vida do mundo. O Espírito Santo é a fonte da espiritualidade eucarística e o grande impulsionador da construção do corpo de Cristo.⁷

Concluindo

Palavra, cruz, alegria, videira e trigo dão consistência à identidade, fundamentam a espiritualidade e indicam o caminho da missão do presbítero na Igreja no Brasil. Viver a vocação presbiteral à altura do evangelho de Cristo

significa viver esse ministério tendo diante dos olhos o ser e o agir de Jesus. É essa espiritualidade que consiste em viver em íntima comunhão com Deus e, ao mesmo tempo, leva o presbítero a comprometer a sua vida em favor dos irmãos. Esta deve estabelecer um justo equilíbrio entre o ser e fazer sacerdotal. A ação do presbítero deve ser expressão de sua vida interior ou, em outras palavras, da experiência

peçoal de Deus que ele faz no dia a dia de sua vida.⁷ A esse propósito, são iluminadoras as palavras de são João Maria Vianney: “Quanto é infeliz um sacerdote que não tem vida interior [...] mas para isso temos a tranquilidade, o silêncio, o retiro [...] Aquilo que impede a nós, padres, de sermos

santos é a falta de reflexão. Não entramos em nós mesmos, não sabemos o que fazemos. É da reflexão, da oração, da união com Deus que precisamos” (Bernard NODET, *Il pensiero e l'anima del Curato d'Ars*, Turim: Gribaudi, 1967, p. 130-131). ●

João Maria
Vianney: “Quanto
é infeliz um
sacerdote que não
tem vida interior.”

7 “Então, o que devemos fazer com a nossa vida? ‘Eucaristizar’. Transformar tudo em eucaristia, para podermos ter o homem eucarístico, a Igreja eucarística, e assim toda a vida será eucarística. O mundo eucarístico da Igreja que crê, que espera, que guia, que está destinada à Restauração, que proclama a Trindade, que sempre renova o mundo, a sociedade” (J. F. VAN THUAN, “O dom da eucaristia”, *Revista Sacerdos*, maio-jun. 2003).

8 É interessante ressaltar aqui o que afirma o *Diretório para o Ministério e Vida dos Presbíteros* no n. 44: “[...] quando nos presbíteros se rompe a unidade interior, não existe mais caridade pastoral, se provoca uma espécie de curto-circuito entre o ser e o agir do sacerdote. É grande o risco de cair no funcionalismo”.



A Bíblia reinterpretada pela teologia da prosperidade

Luiz Alexandre Solano Rossi*

Buscando justificativa em textos isolados da Bíblia, a teologia da prosperidade não passa de produto do capitalismo e da psicologia do sucesso que domina a maioria das nações industrializadas e atinge também as nações pobres. É uma reflexão que, feita não à luz da Bíblia, mas da procura de privilégios, estimula a insensibilidade diante da injustiça presente no mundo.

*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutor em História Antiga pela Unicamp e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Califórnia, EUA). É professor no Programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da PUC-PR. Publicou diversos livros, a maioria pela PAULUS, entre os quais: *A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó e Deus se revela em gestos de solidariedade*. E-mail: luizalexandrrossi@yahoo.com.br

Introdução

A teologia da prosperidade afirma que o plano de Deus para o ser humano é fazê-lo feliz, abençoado, saudável, próspero, enfim, uma pessoa de sucesso. Mas onde estaria a complexidade dessa afirmação? Sua complexidade reside justamente no fato de que, para essa teologia, só não é próspero financeiramente, só não é saudável e feliz nesta vida quem carece de fé, não cumpre o que a Bíblia diz a respeito das promessas divinas e estaria envolvido com o diabo – ou seja, quem está em pecado.

Todavia, uma teologia que estabelece a prosperidade e a vitória como sinal irrefutável da presença de Deus numa sociedade marcada acentuadamente pela pobreza, sofrimento e derrota possui alguma relevância como discurso teológico para as Igrejas?

Propostas teológicas como essa é que tornam esse modelo teológico tão atraente, pois, segundo Proença (2003), elevam o fiel a uma condição dominante, na qual Deus tem a



obrigação de lhe conceder a prosperidade. Nesse tipo de teologia, ao confrontar Deus e diminuir sua soberania, o fiel é que se apresenta como aquele que define qual a vontade de Deus, e não o contrário! Deus é visto como uma mercadoria e é procurado de acordo com os desejos do fiel.

1. A gênese da teologia da prosperidade

São muitos os nomes pelos quais podemos identificar a teologia da prosperidade. Entre eles, podemos destacar: “movimento da palavra da fé”, “evangelho da saúde e da riqueza” e “denomine-o e reclame-o”.

O início desse movimento pode ser traçado com base nos escritos do pregador de rádio e ministro metodista William Essek Kenyon (1867-1948). Ele escreveu aproximadamente 15 livros nos quais “enfatizava o poder das palavras proferidas com fé e a supremacia de uma assim chamada revelação sobre o conhecimento obtido pelos sentidos” (REID, 1990, p. 611). Para ele, a confissão da fé positiva punha Deus em cena e induzia sua ação.

As ideias de Kenyon influenciaram certo número de pregadores dentro do movimento pentecostal na década de 1960. O movimento cresceu rapidamente na década de 1970, em grande parte graças à promoção dos pregadores pela Trinity Broadcasting Network, fundada por Paul Crouch em 1973.

Kenneth Hagin é um dos mais conhecidos promotores dos ensinamentos da teologia da prosperidade. É no mínimo curiosa a história a respeito de como ele descobriu o seu “caminho” teológico: na manhã de 8 de agosto de 1934, ele enfrentava seu 16º ano como um inválido, confinado à cama por um problema incurável. Apesar das previsões de que podia

morrer a qualquer hora, mesmo fraco, ele se agarrava à vida. Conforme havia lido no Novo Testamento, ele tinha a crescente fé em que Deus “o levantaria da cama”. Mas nada acontecia, e ele acordava cada manhã para um novo dia de tédio e desesperança. Um dia, contudo, foi diferente, porque ele se voltou para o verso que tinha acendido sua fé: “Por isso vos digo que tudo o que pedirdes em oração, crede que o recebereis, e tê-lo-eis”. Então ele percebeu: “o ter vem depois

do crer. Eu tenho que acreditar que minha paralisia se foi, mesmo estando deitado de costas aqui, sem esperanças”. E assim ele fez. Só que, em vez de dizer que seria curado, ele declarou que já estava curado (HAGIN, 1972, p. 9-26). E uma voz lhe disse: “Você acredita que está curado. Mas se de fato estiver curado, então você deveria se le-

vantar dessa cama”. Dois dias depois, ele chegou a passos largos à mesa onde sua família tomava o café da manhã, curado pela evidência, em sua própria vida, do poder da fé.

Em 1974, Kenneth Hagin fundou o Rhema, um Centro Bíblico de Treinamento, localizado em Tulsa, Oklahoma, com o objetivo de oferecer programas de treinamento que incluíam ensinamentos e práticas. No entanto, Hagin (1972) afirma que, apesar de a prosperidade ser uma adição posterior ao seu sistema doutrinário, ele não aprendeu sobre ela com nenhum professor humano. Entretanto, ela aparece no discurso de outros evangélicos pentecostais cuja importância precede a de Hagin, principalmente Oral Roberts.

Em 1955, Roberts publicou *God's formula for success and prosperity*, seu primeiro livro sobre esse tópico. Na década de 1960, Hagin abraçou a mensagem da prosperidade: “Prosperidade, principalmente prosperidade financeira, também está disponível ao fiel que se apropria dela pela fé”. Riqueza, de acordo

“Valoriza-se a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos.”

com eles, era parte da bênção que o patriarca Abraão recebeu e, conseqüentemente, a pobreza era parte da maldição que Jesus Cristo cancelou com sua morte na cruz.

As seguintes ênfases são comuns à maioria dos pregadores da teologia da prosperidade:

A fé é uma força liberada pelas palavras, por meio das quais é possível criar a realidade. De acordo com Copeland (1983, p. 18-19), “a força da fé é liberada ou ativada pelas palavras. Palavras cheias de fé colocam em operação a lei do Espírito da vida”. O recurso à palavra como instrumento para a liberação de fé-força possui sua possível “legitimidade” na própria ação de Deus, que cria o mundo pelo poder da palavra.

A força da fé é ativada quando uma pessoa declara ou confessa positivamente seus desejos e pedidos a Deus. Hagin (1966, p. 30) diz: “sua confissão justa se tornará uma realidade, e então você obterá o que quiser de Deus”. Dessa forma, os fiéis passam a ser persuadidos da infalibilidade das expressões religiosas para “mover o braço de Deus”.

Deus quer que todo cristão tenha prosperidade financeira. Na verdade, este é um direito a ser reclamado pelos cristãos.

Deus deseja que todo cristão tenha saúde perfeita e experimente cura completa. Deus se obriga a curar toda doença daqueles que têm fé. A promessa da cura é parte da expiação de Cristo.

2. Ler a Bíblia segundo a teologia da prosperidade

Não se pode negar que o discurso da teologia da prosperidade é bem construído. Vejamos um trecho do discurso de Macedo (1993, p. 25, 85-86):

Ele [Jesus] desfez as barreiras que havia entre você e Deus e agora diz – volte para casa, para o jardim da abundância para o qual você foi criado, e viva

Ser livre e ser feliz Encontros com adolescentes e jovens

Padre Orione Silva
Solange Maria do Carmo



Os adolescentes e jovens – ainda com mais força que todas as outras faixas etárias – buscam com afincado a felicidade. Esse desejo – próprio da idade, das mudanças hormonais, das descobertas da vida – facilita o debate sobre a liberdade e a felicidade, ainda mais em tempos atuais. É, pois, papel da catequese ajudá-los nessa busca. A catequese deve ser espaço para falar livremente dos sonhos, das esperanças, das angústias e das revoltas. Esta obra pertence à coleção Catequese Permanente.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





a vida abundante que Deus amorosamente deseja para você [...] Deus deseja ser nosso sócio [...] As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a ele; e o que é dele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer.

A posse, a aquisição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas são apresentadas como provas de espiritualidade e de fidelidade a Deus. Portanto, valoriza-se a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. Os males, nesse caso, significam falta de fé, inaptidão em confessá-la, ou resultam de algum ato de desobediência a Deus, situações que tornam o fiel vulnerável à maldade do diabo. Ou, segundo Proença (2003), se ao fiel, por direito divino, são asseguradas saúde, prosperidade financeira e ascensão social, aqueles que, porventura, não se deleitam em tais prerrogativas “ou não compreenderam bem o ensinamento bíblico, não têm fé o suficiente, ou ainda permanecem sob a influência maléfica do demônio”. São, na verdade, os pobres que terão de lidar com a terrível angústia de terem falhado ou permitido que o diabo, de alguma maneira, roubasse a graça que lhes estava reservada. No entanto, é necessário salientar que a verdadeira espiritualidade tem a capacidade de nos mover da apatia consumidora em direção a uma consciência alternativa tanto a respeito do que somos quanto de como vivemos.

Saúde, riqueza e sucesso, na teologia da prosperidade, representariam sempre a vontade de Deus para o fiel. Essa teologia ensina que a pobreza é demoníaca e que Deus, por ser um pai amoroso e rico, quer ver seus fi-

lhos sadios, prósperos e ricos. Essa posição teológica é muito mais fácil e simples, pois censurar a vítima é uma maneira de assegurar a nós mesmos que o mundo é melhor do que parece e que ninguém sofre sem que haja uma boa razão. Isso faz que todos se sintam melhor, à exceção da vítima, que passa a sofrer em dobro, isto é, com a desgraça original acrescida à condição social de pobreza. Uma das maneiras teológicas encontradas para dar sentido ao sofrimento humano é supor que somos merecedores do que nos acontece; que, de algum modo, as desgraças sobrevêm como punição pelos nossos pecados.

O discurso da teologia da prosperidade nega a solidariedade divina. Tal teologia não é altruísta, mas sim egoísta; não favorece a solidariedade, mas estimula a competitividade; não faz da vida dom, mas sim posse. Ela sustenta que o “verdadeiro cristão” está predestinado a vencer, a ser mais

do que um vencedor em todas as esferas da vida. Para a teologia da prosperidade, o sofrimento nega a presença de Deus. Mas por onde andaria Deus quando olhamos para um ambiente mergulhado na miséria? Estamos diante de uma teologia que procura privilégios pessoais e corporativos e estimula a insensibilidade ante a injustiça presente no cotidiano de grande parte do mundo.

Essa teologia está comprometida em satisfazer aos desejos de sua clientela, e não em propagar doutrinas ou tradições históricas. Na verdade, o que importa são os resultados. A religião é pregada como capaz de apresentar resultados 100% garantidos e, em seus espaços, um milagre sempre estará à espera daqueles que ali acorrem. A questão agora é como satisfazer aos desejos do aqui e agora desses clientes que não estão preocupados com o distante mundo futuro. Retornar aos

**“Tal teologia não é
altruísta, mas sim
egoísta; não favorece
a solidariedade,
mas estimula a
competitividade; não
faz da vida dom, mas
sim posse.”**



valores bíblicos seria essencial. Afinal, nos textos bíblicos encontramos a ênfase posta mais no ser humano do que na prosperidade, ao contrário de tal teologia, que reduz tudo a termos econômicos.

Devemos rejeitar como não bíblico o ensino de que a fé, em sua essência, é uma qualidade ou trabalho realizado pelo ser humano a fim de fazer que Deus realize seus desejos. Em decorrência disso, a teologia da cura, por exemplo, foi dada na expiação. Com base na doutrina da cura na expiação, a teologia da prosperidade infere que a cura já está disponível para nós e, agora, depende somente de nós experimentarmos essa cura ou não. Hagin (1979, p. 20) escreve sobre isso:

Através da verdade humana natural, uma pessoa percebe que está doente, que tem uma dor ou uma doença. A Palavra de Deus, entretanto, revela que “ele tomou para si as nossas enfermidades, e carregou as nossas doenças” (Mt 8,17) e que por seus ferimentos fomos curados (1Pd 2,24). A Palavra de Deus não é verdade em um tempo tanto quanto o é em outro? Ela não é verdade tanto quando você está doente e está sofrendo como quando está bem? Se acreditar no que lhe dizem seus sentidos físicos, você diria: “não estou curado, estou doente”. Mas, se acreditar na verdade da Palavra de Deus, você pode dizer: “Estou curado, por seus ferimentos, obtive a cura”.

Acredita-se que algumas passagens-chave da Bíblia mostram que o fiel foi libertado tanto de suas doenças físicas quanto da condenação por seus pecados (cf. Is 53,4-5; Mt 8,16-17; 1Pd 2,24). Novamente as palavras de Hagin reforçam essa concepção (1979, p. 25):

Apesar de se manifestar no físico, a cura é na verdade uma bênção espiritual, porque ela é uma cura espiritual. Deus não vai curar seu corpo. Ele não fará algo

novo para curar você porque ele colocou sobre Jesus as nossas enfermidades, as nossas doenças. Ele já fez algo a respeito disso. Jesus já carregou nossas doenças sobre os seus ferimentos e “nós fomos curados”. Alinhe sua fé com a Palavra de Deus. Pare de esperar.

Nós somos filhos de Deus! Afinal, não sou dono do mundo, mas sou filho do dono. Deus tem vida abundante e toda a riqueza do universo está à nossa disposição. Então, como nós, seus filhos, não seríamos saudáveis e ricos? De acordo com o ensino da teologia da prosperidade, nossa vida de pobreza, doença e fracasso é consequência do domínio de Satã sobre nós. Segundo essa teologia, quando a humanidade caiu no pecado, Satã se tornou legalmente dono deste mundo, o que lhe dá poder sobre nós. Assim, a verdade elementar é que a redenção de Jesus nos libertou do domínio do diabo e nos devolveu ao governo do nosso legítimo proprietário.

Nesse sentido, a resolução de todos os problemas e conflitos que afetam o ser humano teria uma resposta eminentemente teológica. Hagin (1972, p. 53-54) coloca assim essa questão:

Jesus, entretanto, veio para nos redimir do poder e domínio de Satã sobre nós... Na vida, devemos reinar como soberanos. Isso significa que temos domínio sobre nossas vidas. Devemos dominar, não sermos dominados. As circunstâncias não deveriam dominar você. A pobreza não deve reinar sobre você; você é quem deve reinar e governar a pobreza. Enfermidades e doenças não devem governar sua vida; você é quem deve reinar e governar a doença. Na vida, devemos reinar como soberanos, em Cristo Jesus, que nos deu a redenção.

Nos círculos que celebram a saúde e a riqueza como critério da bênção de Deus, foi



popularizada a expressão “Viver como filho do rei”, que se tornou num dos mais famosos mo-tes da teologia da prosperidade, mas em que reside grande ironia: isto é, devemos observar que o “filho do rei” foi Jesus, e este viveu uma vida exatamente oposta ao que tal expressão deseja significar atualmente. Jesus viveu uma vida sem abundância material. Criado na hu-milde Nazaré no seio de uma família piedosa, mas pobre, que oferecia duas pombas porque não podia oferecer um carneiro (cf. Lc 2,24), Jesus andou pelo interior de-pendente de que outros lhe abrissem suas casas, porque não possuía bem algum. Assim, falar em viver como “filhos do rei” parece verdadeira ironia.

A teologia da prosperidade vê como modelo o Jesus que as-cendeu aos céus, e não o humil-de servo que ele foi aqui na ter-ra. Porém Jesus alertou seus discípulos para não seguirem o modelo de “senhor”, mas seu próprio modelo de servo: “Mas, entre vocês não deverá ser assim: se al-guém de vocês quiser ser grande, deve tor-nar-se o servidor, e quem quiser ser o primei-ro, deverá tornar-se o servo de todos. Porque o Filho do homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate de muitos” (Mc 10,43-45).

O problema básico com a teologia da prosperidade é que ela é centrada no ser hu-mano, mais do que em Deus. Alcorn (1989, p. 117) disse: ao se aproximar da postura da prosperidade, a oração se degenera, tornan-do-se coerção, em que “nomeamos o que queremos e pedimos” e continuamos puxan-do a rédea, até que Deus nos atenda. Esse tipo de persistência não é encorajado por Je-sus. Ao contrário, é uma tentativa de fazer uma queda de braço com o Todo-Poderoso para aumentar o conforto e estilos de vida as-segurados, a respeito dos quais não nos inco-modamos em consultá-lo previamente.

Pode-se dizer que a “fé” se torna uma alavanca que arromba a porta da relutância de Deus, em vez de uma humilde e submis-sa tentativa de dar graças, ter discernimen-to e se curvar diante da vontade divina. No caso da teologia da prosperidade, predeter-minamos que nossa vontade é a vontade de Deus. Como resultado, tratamos Deus como um objeto, um instrumento, um meio para um fim – fim que nós, em nossa pseudossoberania, arbitrariamente decreta-mos ser o melhor.

“A teologia da prosperidade infere que a cura já está disponível para nós e, agora, depende somente de nós.”

Na teologia da prosperida-de, Deus é visto como uma lote-ria celestial na qual nunca se perde, uma máquina caça-ní-queis cósmica na qual você co-locar uma moeda, puxa a alavan-ca, estende o chapéu e recolhe seus ganhos enquanto seus “companheiros de cassino” (neste caso, seus irmãos cris-tãos) gritam (ou dizem amém e aleluia) e esperam, ansiosamente, sua vez na fila. Eles se esqueceram de que a parte crucial da fé é o valoroso investimento em algo durável, e não uma vida efêmera, mortal e individual; é, sim, algo duradouro, resistente ao impac-to corrosivo do tempo, talvez mesmo algo imortal e eterno. Nesse tipo de sistema teo-lógico, a única razão para Deus existir é nos dar o que queremos. Se não tivermos neces-sidades, talvez Deus desapareça. Com esse tipo de teologia doente, a oração deixa de ser sagrada. Em vez de ser um meio de dar-lhe glória, a oração se reduz a uma lista de pedidos apresentada a Deus.

Não é possível conceber o papel de Deus em relação a nós dessa perspectiva. É neces-sário que uma boa teologia refute esse tipo de construção teológica que “coloca Deus para trabalhar para você e maximiza seu potencial em nosso sistema capitalista divinamente or-ganizado” (apud ALCORN, 1989, p. 118). Na experiência da união e comunhão com

Deus descrita nas Escrituras, estamos totalmente unidos com Deus. Isso significa que somos uma só realidade com ele. Contudo, devemos perceber que esse Deus, ao mesmo tempo, mesmo na experiência da união, continua absolutamente indisponível. Nós não podemos possuí-lo!

Nosso pragmático uso capitalista de Deus demonstra clara falta de interesse no próprio Deus. Afinal, quem se importa como é o gênio mágico? Gênios servem apenas para um propósito: assegurar nossos desejos e nos fazer prósperos e felizes. Em vez de ser o grande sujeito de nossa fé, para muitos Deus se torna meramente um objeto. Essa atitude explica a farta quantidade de sermões, livros e artigos sobre nós e a mísera quantidade deles sobre Deus. O conteúdo deles cumpre o objetivo de pôr Deus a nosso serviço. Assim, Deus entra em cena e é dispensado de acordo com nossa conveniência. Mas poderíamos, como cristãos, dirigir-nos a ele como a um gênio, proferindo palavras como “Senhor, podes ir agora. Chamo-te de volta quando pensar em algo mais que eu queira”?

No discurso de certas lideranças, a teologia da prosperidade, de certa forma, corrobora o anseio de acomodação ao mundo presente sem o famoso complexo de culpa: para alguns fiéis, com a possibilidade de mobilidade social e, para outros, com a manutenção de um *status* já adquirido. Em vez de ouvir a pregação de que “é mais fácil um camelo atravessar um buraco de agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus” (Mt 19,24), agora a novidade reside na possibilidade de desfrutar de bens e riquezas, sem constrangimento e com a aquiescência de Deus. Assim, para os afortunados, essa abordagem teológica traz alívio e, aos pobres, traz o direito de, como filhos de Deus, também possuir bens. Está dado o passo para que a possibilidade de acesso à sociedade de consumo se abra diante dos pobres!

Parte-se do pressuposto de que quem não compra vive em estado de alienação, ou

Jesus e as testemunhas oculares Os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares

Richard Bauckham



A questão de os Evangelhos serem baseados em relatos de testemunhas oculares tem sido longamente discutida. Richard Bauckham, através de seu vasto conhecimento sobre o mundo dos primeiros cristãos, demonstra que os Evangelhos não só indubitavelmente contêm evidências de testemunhas oculares, mas também que seus primeiros leitores as teriam certamente reconhecido como tais. Este livro é uma notável peça de trabalho investigativo, resultando em uma abordagem inédita e vívida de dezenas, talvez, centenas de passagens bem conhecidas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





seja, não possui identidade. Sua identidade foi roubada. E a única maneira de reavê-la seria por meio do consumo. Na linguagem religiosa utilizada pela teologia da prosperidade, o diabo é um dos causadores da alienação e, consequentemente, da pobreza. Assim, ir às compras seria uma forma de exorcizar o diabo e recuperar a identidade roubada. Comprar nos tornaria humanos e livres.

Buscando justificativa em textos isolados da Bíblia, a teologia da prosperidade na verdade não passa de produto do capitalismo e da psicologia do sucesso que domina a maioria das nações industrializadas, mas atinge também as nações pobres. Ela é o produto de nosso próprio tempo e lugar – o tempo capitalista – e é, sem dúvida, uma reflexão: não à luz da Bíblia, mas de nossa autopreocupação.

Conclusão

Inevitavelmente, esse tipo de teologia produzirá uma espécie de sociedade muito evidente em nossos dias. Uma sociedade do individualismo, na qual as pessoas vivem vidas paralelas, mas sem sentido, desconectadas umas das outras. Uma sociedade em que a independência é a única absoluta, em que o interesse próprio é o único credo, em que a conveniência e o lucro são os únicos valores. Nessa sociedade, as pessoas sabem o preço de tudo, mas não sabem o valor de nada; têm muito “do que” viver, mas pouco “pelo que” viver.

Enquanto Deus nos criou para nos solidarizarmos e amarmos as pessoas pobres e usar as coisas, a visão do individualismo proposto pela teologia da prosperidade ama as coisas e usa as pessoas pobres – manipulando-as. ●

“É necessário que uma boa teologia refute esse tipo de construção teológica que coloca Deus para trabalhar para interesses egoístas e maximiza seu potencial em nosso sistema capitalista.”

Bibliografia

- ALCORN, R. C. *Money, possessions and eternity*. Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1989.
- COPELAND, K. *The force of faith*. Fort Worth: KCP, 1983.
- HAGIN, K. E. *I believe in visions*. Old Tappan: Revell, 1972.
- _____. *Real faith*. Tulsa: Kenneth Hagin Ministries, 1979.
- _____. *Right and wrong thinking*. Tulsa: Kenneth Hagin Ministries, 1966.
- MACEDO, E. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1993.
- PROENÇA, W. L. *Magia, prosperidade e messianismo: o “sagrado selvagem” nas representações e práticas de leitura do pentecostalismo brasileiro*. Curitiba: Quatro Ventos, 2003.
- REID, D. G. (Coord.). *Dictionary of Christianity in America*. Downers Grove: InterVarsity, 1990.



Cura e libertação: uma abordagem bíblico- teológica

Vicente Artuso, ofm*

No contexto bíblico, ser curado significa o pleno restabelecimento da pessoa, resgate de sua dignidade de ser humano, superação dos males, reintegração na comunidade e no serviço a ela. É algo também que transcende a vida presente e a projeta na vida eterna. Inspirados no cuidado de Jesus com os doentes e endemoninhados, os cristãos encontram o sentido profundo para a atenção aos doentes e à superação dos males.

Introdução

Sofrimento, abandono, doença, fome, violência, dependência de drogas, mortes são uma realidade nas notícias diárias. O avanço das ciências da saúde e da medicina, as políticas de prevenção de doenças somadas a projetos com recursos bem aplicados têm melhorado as condições de vida, o que é evidenciado com o aumento da longevidade e diminuição da taxa de mortalidade infantil.¹ Mas o problema do mal – incluindo as doenças e enfermidades – é mais complexo. Sua erradicação não depende somente de planos eficientes mais localizados: o mal em grande parte subsiste num sistema perverso de dominação que mantém os pobres reféns dos ricos e poderosos. É necessário converter também os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse na sociedade de hoje (cf. Paulo VI, exortação *Evangelii*

* Religioso e sacerdote da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos; doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Mestre em Ciências Bíblicas (PIB-Roma). Professor do mestrado e doutorado em Teologia na PUCPR- Curitiba, Paraná. E-mail: vicenteartuso@gmail.com

1 Conforme o IBGE, em 2012 a expectativa de vida no Brasil era de 74,6. A última estimativa da expectativa de vida anunciada no Jornal Nacional (1º dez. 2014) é de 71 anos para os homens e 78 para as mulheres.



Nuntiandi, n. 19), para que aconteça uma libertação integral do ser humano. Por causa do mal disseminado em estruturas injustas, muitos inocentes padecem.

As consequências são as variadas formas de sofrimento do povo, que se pergunta: “O que fizemos de errado para merecer isso?” E quando não veem saída, é comum as pessoas assim se expressarem: “Só por Deus mesmo para sair dessa situação”. Na Bíblia, a história do Jó paciente reflete o conformismo nas palavras: “Recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?” (Jó 2,10). Jó é figura de tantas vítimas de hoje, que não têm a quem recorrer. Muitos se refugiam na religião, esperando uma cura miraculosa, buscam Jesus milagreiro e exorcista. Outros buscam explicação da origem do mal num princípio negativo, que compete com as forças do bem. Com isso, a responsabilidade do mal é descarregada sobre demônios ou espíritos do mal. O povo sofredor é uma grande parcela da sociedade doente que clama por socorro, saúde, libertação. Cura e libertação são temas correlatos. Vamos refletir com base na história do povo na Bíblia. Será uma abordagem teológica da temática. Na Bíblia, aparece o projeto de Deus no esforço do povo de se organizar e assumir a vida comunitária na prática da justiça e misericórdia em favor do oprimido, do órfão, da viúva, do pobre, privados de condições dignas de vida.

1. Cura, libertação e salvação

Há uma relação estreita entre cura e libertação, salvação espiritual e saúde física. A salvação do ser humano em corpo e espírito abrange a existência na sua totalidade. O próprio termo latino “salus” significava originalmente saúde e salvação. Cristo é chamado o “Salvador”. E a doutrina da sal-

vação é chamada “soteriologia”. Muito antes de Cristo, o médico Asclépio era chamado de “soter”, salvador (cf. SCHIAVO e DA SILVA, 2000, p. 13-14).

Entendemos que a saúde é bem-estar físico, espiritual e social. Cura não se refere somente a libertação de doenças, mas a promoção da vida, do bem-estar da pessoa, na sua integridade de corpo e espírito. Diante do drama do sofrimento, não basta o conforto espiritual de uma vida futura no céu sem dor.

É necessário lutar com os meios disponíveis, para promover a vida. No entanto, a cura é também proporcionar o bem-estar à pessoa mesmo na proximidade da morte. Nesse estado, a pessoa aceita com serenidade os limites da existência, os limites dos recursos da medicina, e sem drama se entrega nas mãos de Deus. Para a pessoa de fé,

a experiência do sofrimento a conduz a um nível espiritual de aceitação de que a vida neste mundo é limitada. Como cristão, quem buscou viver na graça de Deus e na comunhão com Cristo também crê que morrer é estar com Cristo e participar da vida plena na ressurreição (cf. 1Ts 4,14; Cl 3,3-4; Fl 1,20-21). Nesse sentido, a cura é uma experiência de bem-estar espiritual diante da morte. Busca-se viver com qualidade de vida e também enfrentar com coragem e serenidade o momento derradeiro como coroamento da vida. Isso é também libertação.

Em relação à libertação, encontram-se na Bíblia principalmente os verbos: livrar, salvar, curar, resgatar, redimir, tirar de... A cura, em geral, é interpretada como ação libertadora de Deus. Ele traz a salvação. O próprio nome “Jesus” no Novo Testamento significa que ele salvará o seu povo dos seus pecados (Mt 1,21). Tomemos o conceito mais conhecido na teologia, o termo “redenção”. Ele se origina dos verbos hebraicos *gahal* e *padah*. O verbo *gahal* foi traduzido pela Bíblia Grega (chama-

“Há uma relação estreita entre cura e libertação, salvação espiritual e saúde física.”



da Setenta) 90 vezes como “resgatar”, 45 vezes como “pôr em liberdade”, 41 vezes como “libertar” e também “salvar”. O verbo *gahal* nunca foi traduzido com o sentido de libertar com pagamento de resgate. Deus é o sujeito que resgata e salva gratuitamente. Ele tirou o povo do Egito por sua iniciativa. Deus se apresenta no livro do Êxodo como Senhor e Libertador: “Eu sou o Senhor teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,2). A libertação é parte essencial do projeto de Deus. O povo passou por experiência de escravidão, doença, fome, derrotas. Muitas vezes faltaram com o compromisso assumido de seguir a lei de Deus, não fizeram a sua parte. Mesmo assim, o Senhor estava ao seu lado para exortar à fidelidade. O resultado da cura é o “Schalom”, termo que indica uma situação de paz, integridade, plenitude. No Novo Testamento, Jesus dedicou parte de sua vida ao cuidado da saúde. Seu programa era anunciar a boa notícia aos pobres, dar vista aos cegos, libertar os presos, devolver a audição aos surdos, curar os paralíticos, purificar os leprosos, ressuscitar mortos (cf. Mt 11,5; Lc 4,18-19; 7,21-22). Sua missão incluía também libertar as pessoas do domínio do diabo (cf. At 10,38). Enfim, a missão de Jesus era anunciar o ano da graça do Senhor (cf. Lc 4,18), os tempos sonhados pelo povo com o estabelecimento do reinado de Deus.

2. Relatos de cura no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a cura é sempre atribuída à intervenção de Deus, Senhor da vida e da morte. A doença era vista muitas vezes como castigo de Deus pelo pecado. No anúncio da libertação futura, a cura e a saúde seriam restituídas com a eliminação do pecado, causa dos males (cf. Is 33,24; Sl 40,5). No entanto, “a partir do exílio por influência babilônica, toma força a personificação de certos

seres inimigos de Deus, e assim se difunde a crença de que anjos maus e demônios também eram causadores da dor, doença e morte” (CHAPA, “Exorcistas”, in AGUIRRE, 2009, p. 121). Na Bíblia, a cura dos males vem de Deus, considerado o médico supremo. Por esse motivo, o recurso aos médicos era visto quase como ofensa a Deus. O rei Asa é admoestado porque “nem mesmo na doença procurou o Senhor, recorrendo só aos médicos” (2Cr 16,12) (cf. VENDRAME, “Curas”, in *Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde*, 1999, p. 275). Na verdade, havia certos tabus que impediam o avanço da medicina. Por exemplo, a proibição de tocar em cadáveres impedia a autópsia e a descoberta das causas das doenças (Nm 5,2; 6,6; 19,11-16). A aversão pelo sangue derramado (Gn 9,3-4; Lv 19,26) impedia qualquer experimento em matéria de cirurgia. A lei da pureza legal marginalizava os doentes de pele, chamados leprosos (Lv 13-14) (SCHIAVO e DA SILVA, 2000, p. 43). Depois do exílio, abre-se o caminho para a ciência médica e para uma medicina alternativa. Porém não à margem do poder de Deus. O médico deve ser honrado (Eclo 38,1), mas é do Altíssimo que vem a cura: ele deu a ciência aos homens (Eclo 38,2.6), como também ao farmacêutico que prepara as misturas (Eclo 38,7) (VENDRAME, *idem*, p. 275).

As curas individuais são poucas. As mais famosas são a cura da lepra de Naamã (2Rs 5,1-27), a cura de uma enfermidade mortal de Ezequias (2Rs 20,1-11; Is 38,1-22), a cura de Jeroboão (1Rs 12,26-13,10), de Miriam, irmã de Moisés (Nm 12,11-15), de Nabucodonosor (Dn 4,1-34). Há muitos salmos de súplica por cura de doença (Sl 6; 22; 38; 39; 88; 102; 143), mas também de ação de graças pela cura (Sl 30).

2.1. A cura de Naamã: uma nova vida na fé (2Rs 5,1-27)

Trata-se de um relato de cura da lepra com intervenção do profeta Eliseu. Observe-



mos os efeitos da cura: além da restituição da saúde física, houve uma transformação na vida daquele homem, comenta Olivier Artus (*Curar e salvar no Antigo Testamento*, in MICHEL e PIERRE, 2007, p. 46). Por duas vezes o relato utiliza o substantivo “servo” para expressar essa mudança. De um lado, percebe-se a arrogância de Naamã, que se admirava do fato de Eliseu não vir a seu encontro e enviar um mensageiro (2Rs 5,11). Após a cura, a arrogância dá lugar à reverência para com o profeta, e Naamã fala como “servo” do profeta: “Por favor, aceita este presente do teu servo” (2Rs 5,15). Naamã, no início do relato, é apresentado pelo rei de Aram (Síria) como “seu servo”, depois Naamã designa-se a si mesmo como servo de Eliseu, em 2Rs 5,15.18. Definido em 2Rs 5,1 como chefe do exército do rei de Aram, a partir de 2Rs 5,15 Naamã encontra nova identidade fundada na fé no Deus de Israel: “Agora sei que não há Deus em toda a terra a não ser em Israel”. As observações acerca do personagem Naamã mostram que a cura não constitui o núcleo da transformação: ela se torna possível por sua conversão, que o faz adotar uma atitude de servo com relação a Eliseu, homem de Deus. A cura é sinal de uma transformação interna.

2.2. A cura de Ezequias: Deus escutou sua oração (2Rs 20,1-11)

Ezequias, rei de Judá, é atingido por uma doença mortal. O profeta Isaías lhe anuncia que morrerá em breve. Ezequias cai em prantos e, em sua oração, expressa que sempre foi fiel e praticou o que era agradável aos olhos de Deus. Logo em seguida Isaías é enviado a transmitir a boa-nova ao rei: “O Senhor escutou a prece e viu suas lágrimas!” Com uma aplicação de espécie de pasta de figos sobre a úlcera, Ezequias é curado e vive mais 17

anos. Temos a súplica em prantos que é ouvida por Deus. Vemos nas palavras de Ezequias que ele foi fiel e fez o que era agradável a Deus (cf. 2Rs 20,3). Pela concepção da teologia da retribuição, Deus recompensa os bons e castiga os malvados. Ezequias é curado, pois reivindicou os seus méritos na oração.

“Quando tudo vai bem, facilmente as pessoas se esquecem de Deus, mas quando vêm crise e ameaça, a reação é imediata.”

Como não havia explicação para a causa da doença, o mal era atribuído a um possível castigo de Deus. E a cura só poderia vir de Deus. Ele fere e cura a ferida (cf. Dt 32,39)! Porém essa cura acontece com intervenção humana, mediante a aplicação de uma pasta de figos. Uma teologia mais desenvolvida da cura e libertação na Bíblia valoriza a intervenção humana e os remédios para a cura, no caso

as plantas úteis como alimento e remédio (cf. Gn 1,30; Ez 47,12).

2.3. Salmo de ação de graças de um doente curado (Sl 30)

O salmista exalta o Senhor porque o tirou do *scheol* (30,2). “Eu te exalto, Senhor, porque me livraste”. O verbo hebraico *dalah* (30,2), que significa tirar para fora, é usado quando se fala de tirar água do fundo do poço com um balde. É traduzido também como “livrar”. A imagem é forte, pois o salmista reconhece que o Senhor o tirou fora da situação de crise, de morte iminente de quem estava descendo ao fundo do poço. Sua vida estava em fase terminal, descendo à região dos mortos. Ele gritou e o Senhor o curou (30,3). A invocação de cura de doença indica que ele está consciente de que sua doença não é apenas arbítrio de Deus, mas também pode ser resposta a sua atitude de presunção (30,7). Nesse sentido, a cura inclui também o perdão dos pecados e a reintegração na comunidade dos justos. A seguir, o salmista conta o passado antes da doença, lembrando



sua segurança e prosperidade: “Eu dizia na minha prosperidade, jamais serei abalado” (30,7). Quando tudo vai bem, facilmente as pessoas se esquecem de Deus, mas quando vêm crise e ameaça, a reação é imediata: “A ti, Senhor, clamo, imploro graça, ó Deus, meu salvador” (30,9). “Escuta, Senhor, tem piedade de mim, ajuda-me” (30,11). A cura aconteceu no aspecto físico. O Senhor impede a morte, a descida ao *scheol*. Porém acontece também a cura em âmbito espiritual. O salmista é curado de sua presunção e falsa segurança. Torna-se humilde e agradecido. Reconhece que o Senhor restitui a vida. A doença foi interpretada como uma advertência no momento da ira divina para corrigir. A cura espiritual aparece na capacidade de transformar os conflitos da vida em fonte de espiritualidade, dando novo significado à existência.

3. Cura e libertação na prática de Jesus

Se a medicina moderna, com todos os recursos, não consegue a cura de tantas doenças, podemos imaginar como era 2 mil anos atrás. Grande parte da população era doente e o índice de mortalidade era alto. Isso explica por que grande parte do evangelho relata o ministério de Jesus curando doentes de toda espécie. Os gestos milagrosos de Jesus são conhecidos como “gestos poderosos”, “sinais” ou “obras” de Deus. São sinais de que o Reino de Deus chegou na prática libertadora de Jesus (Mt 12,28; Lc 11,20). Jesus curou quatro cegos, quatro paralíticos, um leproso, outros dez leprosos de uma vez, exorcizou cinco endemoninhados, curou a distância a filha da cananeia e o empregado do oficial romano, devolveu a fala a um surdo-mudo, baixou a febre da sogra de Pedro, curou uma mulher com hemorragia, colocou a orelha de um soldado, além de realizar diversas curas em massa (SCHIAVO e DA SILVA, 2000, p. 17). Quanto aos tipos de milagres, os Evangelhos falam de

A Virgem Maria Cem textos marianos com comentários

Santo Agostinho



Esta coletânea de textos mariológicos, extraídos de diversas obras de Santo Agostinho, almeja tornar mais conhecido o pensamento do santo Doutor a respeito da Virgem Maria. E assim contribuir de alguma forma para serem intensificados o amor, a devoção e o culto para com a Mãe de Deus, de maneira mais esclarecida e fundada na Bíblia e conforme a tradição patrística.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





curas e de libertações de possessões do demônio ou exorcismos. Nem sempre é clara a distinção entre as duas formas de intervenção curativa de Jesus. Isso porque algumas doenças físicas ou psicofísicas – surdez, mutismo, epilepsia – eram atribuídas à presença e ação dos espíritos maus (Mt 12,22; Lc 11,14). Analisemos alguns relatos para mostrar a dimensão da cura e seu significado na prática de Jesus.

3.1. A sogra de Pedro pôs-se a servi-los (Mc 1,29-31)

É o relato de cura mais breve. Jesus vai ao encontro dos doentes, junto com seus discípulos. Ele é o terapeuta da família, pois visita as casas do povo. Não se sabe a causa da doença da sogra de Pedro. Jesus, sem dizer uma palavra, apenas “tomou-a pela mão e a fez levantar-se” (Mc 1,31), e a febre a deixou. O resultado da cura: a sogra de Pedro voltou a fazer o que sempre fazia, “pôs-se a servi-los”. Mais uma vez aparece a humanidade de Jesus. A cura vai acontecer na solidariedade e compaixão com os doentes. No relato paralelo de Lc 4,38-39, Jesus cura fazendo uma espécie de exorcismo: “esconjurou a febre”. Muitos acreditavam que a febre vinha dos espíritos do mal. O importante foi o resultado da visita de Jesus em vista da cura.

3.2. O leproso tocado por Jesus e integrado na sociedade (Mc 1,40-45)

O relato apresenta o leproso que foi até Jesus e implorou-lhe a cura, pondo-se de joelhos (cf. Mc 1,40). Marcos relata que Jesus foi movido por compaixão (cf. Mc 1,41). Jesus foi tocado pela situação dramática daquele homem e se compadeceu, “tocou-o” e o curou. Jesus rompe o preconceito segundo o qual tocar uma pessoa com aquela enfermidade fazia impuro quem a tocasse. Ele é movido de compaixão, aproxima-se e assim re-

vela a face de Deus compadecido pelos doentes. Jesus vai na contramão dos costumes da época e resgata a dignidade da pessoa. Ele acolhe, ouve a súplica e toca. Aconteceu uma

cura e libertação da pessoa doente, sua dignidade foi resgatada. Como reação, aquele que antes era leproso e vivia excluído, longe da comunidade, não pode guardar silêncio. Ele sai e proclama a boa notícia por toda parte. Fica clara a inclusão do curado na comunidade, mediante a prática de Jesus em favor dos excluídos. Fica claro também que a fé do doente coopera no processo da cura com o toque e as palavras de

Jesus “quero, fica purificado”.

3.3. O que era paralítico saiu carregando o leito (Mc 2,1-12)

Como na narrativa da cura do leproso que veio até Jesus (cf. Mc 1,40), aqui muitos vão até Jesus “em casa”. Ocasão em que trazem um paralítico no leito (cf. Mc 2,3). O cenário é a casa apinhada de pessoas, de sorte que ninguém podia entrar. O relato é dramático pelo fato de descobrirem o telhado para introduzir o paralítico com seu leito! O doente nada diz, mas Jesus, vendo a fé daqueles que carregavam o doente, fala: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 12,5). Há uma introdução do tema do perdão dos pecados associado à cura (cf. Mc 2,5b-10a). Jesus ordena: “Para que saibais que o Filho do homem tem o poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno, levanta-te” (Mc 2,10b-11). O resultado é imediato: o paralítico se levantou e saiu diante de todos carregando seu leito (Mc 2,12). O mesmo que entrou com dificuldade, sendo carregado, agora sai carregando a própria cama. A libertação é integral com o perdão dos pecados e a recuperação do enfermo. O pecado, segundo a concepção judaica da época, estava ligado à enfermidade (GNI-

“O perdão
solta os laços,
as cadeias,
liberta a pessoa
para caminhar
com as próprias
pernas.”



LKA, 1986, p. 116). Realmente o mal, os pecados bloqueiam as pessoas, paralisam. O perdão solta os laços, as cadeias, liberta a pessoa para caminhar com as próprias pernas. A prática de Jesus ligada à sua grande compaixão revela a nova face de Deus, humana, como um Pai. Ele chama o paralítico de “filho”. A cura conta com a fé e a solidariedade da comunidade, representada naqueles que carregavam o paralítico.

3.4. O que era endemoninhado se tornou missionário (Mc 5,1-20)

Trata-se do caso do endemoninhado de Gerasa. Do extremo da situação de exclusão, sofrimento e violência, o homem é curado e aparece “vestido, sentado e de são juízo”. Depois, é enviado a anunciar o que Jesus fez por ele. O narrador descreve o fato num contexto de viagem. As indicações de desembarque em Gerasa (cf. Mc 5,1) e subida no barco (cf. Mc 5,18) mostram a preocupação de situar o relato no contexto de missão. No final do milagre, Jesus parte de volta (cf. Mc 5,18) e também o curado parte em missão por ordem de Jesus. A ordem de marchar ou de ir para casa é típica da conclusão de relatos de milagres (Mc 1,44; 2,11; 5,34; 8,29; 10,52). A preocupação de ir aos outros lugares deriva do interesse do evangelista de destacar a urgência da missão. Certas repetições parecem acentuar também a necessidade de testemunhar o fato: por duas vezes, o endemoninhado vai a Jesus (cf. Mc 5,2 e 5,6). Duas vezes é contado o que aconteceu ao endemoninhado e aos porcos por meio dos pastores (cf. Mc 5,14) e daqueles que viram (cf. Mc 5,16). O fato será testemunhado também pelo próprio curado, que anunciará aos seus o milagre. O afogamento no mar dos porcos, associados à legião, indica a derrota definitiva do poder do mal. (Porcos: sistema judaico da lei do puro e impuro que excluía; legião: força organizada de destruição comandada pelo poder romano na re-

gião da Decápole.)

O milagre mostra a rejeição da dominação política. A simbologia das correntes, grilhões, algemas sugere o contexto de escravidão. A narração indica a luta de Jesus, “o mais forte para amarrar o homem forte” (Mc 3,27). Gerd Theissen tem também essa posição: “a opressão por um povo dirigente estrangeiro às vezes aparece em código, como possessão por um espírito estrangeiro”. No texto de Marcos, a menção dos 2 mil porcos que despencaram mar adentro simboliza a libertação do povo da dominação das legiões romanas no território da Decápole. A possessão dos demônios em sociedades tradicionais muitas vezes também é reflexo de antagonismos de classe enraizados na exploração econômica. A possessão pode ser ainda uma forma socialmente aceitável de protesto indireto contra a opressão, ou mesmo fuga desta. A tensão entre seu ódio aos opressores e a necessidade de reprimir esse ódio a fim de evitar recriminações dos opressores leva o indivíduo a ficar louco... Ele se retirava a um mundo interior onde pudesse resistir à dominação. Nesse sentido, o endemoninhado representa a ansiedade coletiva diante do imperialismo. Trata-se, segundo Franz Fanon, de colonização da mente, em que a angústia da comunidade diante de sua subjugação é reprimida e, depois, se volta contra si mesma. Isso parece ser suposto no relato de Marcos, quando diz que o homem emprega violência contra si mesmo (cf. Mc 5,5). Segundo Carmen Bernabé Ubieta, “as doenças de possessão são reflexo corporal de um conflito interno produzido em grande medida pela defasagem entre os desejos e sentimentos internos e o que as normas sociais impõem e permitem à pessoa. Nesse caso, por meio dos demônios que gritam, a pessoa expressa indiretamente as queixas que tem contra o seu ambiente (“A cura do endemoninhado de Gerasa”, in AGUIRRE, 2005, p. 113).



3.5. O cego Bartimeu tornado discípulo (Mc 10,46-52)

O relato situa-se no contexto da caminhada de Jesus para Jerusalém, em que ele instrui os discípulos sobre a natureza da sua missão messiânica, revela quem ele é e apresenta as exigências do seguimento. Aos poucos, os discípulos vão compreender o que é ser discípulo, sua mente e seus olhos vão se abrir. A intervenção de Jesus curando cegos antes de iniciar a caminhada (cf. Mc 8,22-26) – e, no final da caminhada, já próximos a Jerusalém (cf. Mc 10,52-56) – tem a ver com a cura da cegueira dos discípulos. A cura significa a aquisição de nova visão, a mudança de paradigmas para entender o projeto de Jesus. Certas particularidades do relato parecem querer apresentar o modelo do discípulo. Vejamos.

É o único milagre no qual nos é dado o nome da pessoa curada e também o único caso em que o curado segue Jesus. Ao seguir Jesus, ele joga o manto e vai atrás. É instrutiva a comparação com a cura do cego de Betsaida (Mc 8,22-26) e também a cura do surdo-mudo situado na Decápole (Mc 7,31-37). No primeiro relato, Jesus é o protagonista de toda a ação, conduz o cego pela mão para fora, faz barro com saliva, aplica no olho. No segundo relato, na cura do cego Bartimeu, os dados se invertem. O doente é o sujeito da maior parte das ações. É ele quem grita e pede: “Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim” (Mc 10,47). Ele deixa a capa, levanta-se, vai até Jesus (cf. Mc 10,50). Há um diálogo e Jesus lhe pergunta: “Que queres que eu te faça?” O cego responde: “Que eu possa ver novamente” (Mc 10,51). E o relato termina com as palavras de Jesus: “Vai, a tua fé te salvou”. Porque foi salvo da cegueira, ele seguia Jesus pelo caminho (Mc 10,52).

4. Modelos explicativos e estratégias de cura

Como falar de cura e libertação à luz dos relatos de cura dos Evangelhos, diante do modelo biomédico, empírico, da medicina ocidental? É importante clarear os modelos explicativos da doença no primeiro século e o modelo atual, científico. Segundo qual perspectiva o modelo cultural com uma hermenêutica teológica, em nossos dias, pode iluminar a prática da cura e dar-lhe sentido? Para esta reflexão, sigo o estudo de Santiago Guijarro Oporto (“Relatos de cura e antropologia”, in AGUIRRE, 2009, p. 249-270), que apresenta uma chave interpretativa dos relatos de cura à luz da antropologia médica.

Por trás das diversas formas de entender a doença e de reagir diante dela, há um modelo explicativo. Sua função é oferecer uma explicação da doença, servir de guia na hora de escolher as diferentes terapias disponíveis e dar sentido à doença do ponto de vista pessoal e social. O modelo explicativo é o que determina quais sintomas são importantes e quais não são, e como devem ser interpretados e tratados (cf. AGUIRRE, 2009, p. 256). O entendimento da patologia como doença é, portanto, um processo cultural. Todas as culturas possuem moldes para perceber, entender, explicar e tratar os sintomas (idem, p. 257).

A estratégia terapêutica é o procedimento seguido para tratar uma doença e obter a cura. Tal entendimento da doença depende do modelo explicativo popular da medicina do século I no Mediterrâneo, enquanto nosso entendimento depende do modelo em que se sustenta o setor profissional da medicina ocidental. Daí a importância de relacionar o processo de cura no tempo de Jesus com o

“Por trás das diversas formas de entender a doença e de reagir diante dela, há um modelo explicativo.”



processo de cura como é explicado pela medicina ocidental (idem, p. 259).

O quadro a seguir resume as principais características de ambos os modelos (idem, p. 260):

Modelo biomédico (empírico)	Modelo cultural (hermenêutico)
Entidades patológicas: lesão ou disfunção somática ou psicofisiológica (a disfunção é entendida como patologia).	Entidade patológica: universo de sentido, a doença percebida pelo paciente (a disfunção é entendida como doença).
Estrutura de relevância: são relevantes os dados que apresentam uma desordem somática.	Estrutura de relevância: são relevantes os dados que revelam os significados da doença.
Procedimentos de identificação: revisão dos sistemas; testes de laboratório.	Procedimentos de identificação: avaliar os modelos explicativos; decifrar o campo semântico.
Meta da interpretação: diagnóstico e explicação.	Meta da interpretação: compreensão.
Estratégia interpretativa: examinar dialeticamente a relação entre os sintomas e as desordens somáticas.	Estratégia interpretativa: examinar dialeticamente a relação entre os sintomas (texto) e o campo semântico (contexto).
Objetivo terapêutico: intervir no processo da doença somática.	Objetivo terapêutico: tratar a experiência do paciente: fazer entender os aspectos ocultos da realidade da doença e transformá-la.

O modelo biomédico é apto para entender a doença e a cura no setor profissional da medicina ocidental, mas é pouco relevante quando aplicado aos casos em que a doença é entendida e vivida segundo certos padrões culturais diferentes, como acontece nos relatos de cura e libertação nos Evangelhos. Para os Evangelhos, é mais útil o modelo cultural (p. 260). Naquela cultura, Jesus e os primeiros cristãos pensavam que a origem da doença e da saúde estava em Deus (cf. Ex 15,26). Embora no relato da cegueira, por exemplo, não se mencionem as causas, podemos supor que eles a atribuíssem à ação de um demônio (cf. Mt 12,22) ou talvez a um pecado pessoal herdado (cf. Jo 9,2). Esse era o pano de fundo comum na cultura e religião da época (p.

263). Portanto, no caso da cura do cego de Jericó, são mais significativos os dados que revelam o significado da doença que a cegueira em si mesma. O relato é um exemplo didático com o objetivo de instruir os discípulos de que a cura da cegueira significa (no contexto da seção de instrução dos discípulos: Mc 8,3-10,52) a cura dos próprios discípulos. O texto tem em vista apresentar o modelo do verdadeiro seguidor de Jesus, que compreende as exigências do seguimento e assume suas consequências. No caso, o que era cego, curado pela fé, é capaz de jogar o manto e ir atrás de Jesus. Na verdade, a cura aconteceu no âmbito da compreensão dos discípulos do que seja o seguimento; o médico Jesus atuou junto com o paciente. A cura veio



da fé daquele que era cego, resultando em uma transformação na sua vida. Desse momento em diante, com a nova visão, mendicância, exclusão e desprezo ficam para trás. Ele é discípulo integrado na vida do povo, ciente do caminho que deve tomar.

Em alguns dos relatos que analisamos, o aspecto da fé das pessoas curadas pode parecer, segundo a visão da medicina científica atual, apenas uma forma de explicar a cura, um dado cultural da época. Porém a fé é existencial. O ser humano é essencialmente religioso e, em todos os tempos e lugares, há quem atribua tanto a doença como a cura à intervenção de Deus. Há quem passe pela doença e, na sua visão de fé, a interprete como uma prova e sinal divino que o levem a uma mudança de vida. Há quem, acometido de doença mortal, após gastar todos os bens com médicos, recorra a uma intervenção milagrosa. A ajuda, os cuidados paliativos e a assistência religiosa trarão bem-estar, paz de espírito ao doente, a fim de lidar com sua situação. A cura e a libertação abrangem o cuidado pela pessoa, pelo seu bem-estar físico, espiritual, social, até nos momentos derra-deiros da existência.

No contexto cristão, toda cura ou tratamento feito com espírito de abnegação e caridade evangélica têm valor de salvação e são sinais do reino futuro de paz, vida plena, saúde. O processo de cura passa pelos modelos biomédicos da medicina moderna, que, sempre mais desenvolvidos, proporcionam maior longevidade com qualidade de vida. O profissional da saúde tem o compromisso de promover a vida e defendê-la com os recursos disponíveis. Deus fez o médico e o remédio. Mas a graça divina supõe a natureza humana. Deus age não de forma mágica, como se acreditava no tempo de Jesus, quando ha-

via muitos milagreiros. Ele age por meio dos recursos humanos, no desenvolvimento e descoberta de novas técnicas. Todo desenvolvimento humano para o bem e defesa da vida é dom de Deus, pois Deus coopera com aqueles que fazem o bem e promovem a vida. Na comum expressão “graças a Deus”, após bem-sucedida intervenção cirúrgica, o médico atribui sua habilidade a um dom de Deus. Nesse sentido, expressa um significado mais profundo, um sentido espiritual.

Conclusões

“A cura e libertação abrangem a pessoa na sua totalidade, pois saúde é bem-estar físico, psíquico, espiritual e social.”

1. Cura e libertação na Bíblia são parte essencial do plano de Deus. Os diversos relatos de cura, tanto no Antigo como no Novo Testamento, são sinais de que o Senhor intervém na história e escuta a súplica dos doentes. A história do povo da Bíblia, como também as de outros povos, com suas histórias de curas, com seus meios terapêuticos, revelam a luta contra as doenças na busca incessante de cura e bem-estar. Ser curado, especialmente nos relatos que analisamos, significa o pleno restabelecimento da pessoa, o resgate de sua dignidade de ser humano e sua reintegração no serviço à comunidade. Os curados tanto proclamam o que aconteceu de bom em sua vida (cf. Mc 5,18-20) como se engajam numa missão e serviço (cf. Mc 1,29-30; 1,43).

2. A cura e libertação abrangem a pessoa na sua totalidade, pois saúde é bem-estar físico, psíquico, espiritual e social. A cura e salvação da pessoa, no sentido cristão, são mais que o restabelecimento da saúde física: operam na pessoa nova vida, novo sentido, que transcende a vida presente e a projeta na vida eterna. Eis a vida plena de quem crê que transcende a morte. Nesse sentido, para nós, cristãos, se nesta vida cremos que Jesus morreu e ressus-



citou, também com ele, na morte, ressuscitaremos para uma vida nova (cf. Rm 6,5.8). A vida nova de ressuscitados já está presente naqueles que vivem neste mundo na fé e na esperança. Paulo diz: “Vocês ressuscitaram com Cristo, por isso busquem as coisas do alto” (Cl 3,1). Isso não significa fuga do mundo, mas compromisso com o projeto de Deus de transformar a vida presente mediante a libertação dos males e doenças. Assim vai acontecendo a transfiguração do mundo, com a diminuição da dor, da doença, do sofrimento.

3. Curas e libertações acontecem na aplicação dos recursos modernos da medicina, e não apenas na crença de intervenção mágica de milagreiros e exorcistas, como ocorria no primeiro século da era cristã. A fé verdadeira se torna visível na ação e no planejamento. Deus atua na história, na ação do médico e no efeito dos remédios. A graça da cura opera segundo a natureza, seguindo a evolução cultural e científica da humanidade. Deus deu ao ser humano inteligência para descobrir técnicas terapêuticas e novos remédios para fazer frente ao desafio das enfermidades. Deus se revela hoje nos sinais dos tempos. Vemos a intervenção dele no horizonte da teologia da criação.

4. Jesus curou muitos doentes das mais variadas enfermidades e deu aos discípulos a missão de fazer o mesmo. Inspirados no cuidado de Jesus com os doentes, os cristãos, especialmente os profissionais da saúde, encontram o sentido profundo do cuidado e atenção aos doentes e do exercício da medicina. A mística cristã do cuidado caracteriza-se pela compaixão e pelo modo humano de tratar a pessoa doente.

5. A cura física é seguida também da cura espiritual, que liberta a consciência do pecado. A cura espiritual inclui o perdão a si próprio, mediante a aceitação da própria condição humana, e o perdão de Deus, que torna a pessoa justa. A experiência da gratuidade divina que cura e liberta transcende

CD *Alegra-te cheia de graça* Festas e Solenidades de Maria

Frei José Moacyr Cadenassi



O CD *Alegra-te, cheia de graça*, organizado pelo Frei José Moacyr Cadenassi, apresenta um repertório para as solenidades e festas de Maria durante todo o Ano Litúrgico (para cada celebração um canto de abertura e outro de comunhão), incluindo cantos avulsos relacionados a Maria para o período do Advento, Semana Santa e Tempo Pascal.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





a cura física e produz na pessoa bem-estar e paz espiritual vindos de Deus. Nesse nível a fé é fundamental, tanto para quem está doente como para quem trata o doente. Na Igreja primitiva, o cuidado dos doentes era

uma preocupação pastoral que certamente seguia a prática dos discípulos de Jesus de orar e ungir os doentes (cf. Mc 6,13). Esse cuidado, que torna presente o gesto curador de Jesus, está na missão da Igreja. ●

Bibliografia

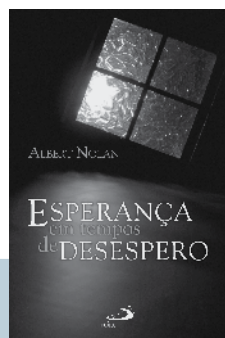
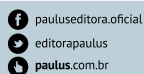
- AGUIRRE, Rafael (Org.). *Os milagres de Jesus: perspectivas metodológicas plurais*. São Paulo: Loyola, 2009.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulinas, 2004.
- CINÁ, Giuseppe; LOCCI, Efisio; ROCCHETTA, Carlo (Org.). *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Paulus, 1999.
- GNILKA, Joachim. *El Evangelio Segun San Marcos 1,1-8,26*. Salamanca: Sígueme, 1986.
- HERMANS, Michel; SAUVAGE, Pierre (Org.). *Bíblia e medicina, o corpo e o espírito*. São Paulo: Loyola, 2007.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulus, 1992. (Coleção Grande Comentário Bíblico.)
- PAGOLA, Antonio. *Jesus, uma aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SCHIAVO, Luis; DA SILVA, Valmor. *Jesus milagreiro e exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2004.

Esperança em tempos de desespero

Nestes escritos, Albert Nolan delineia as bases de uma teologia e espiritualidade que se posicionam a favor dos pobres e da causa da justiça. O autor não aborda apenas o tema da resistência, mas nos desafia a assumir a espiritualidade de Jesus para alcançar a liberdade pessoal e contribuir com a criação de novas estruturas sociais. (216 páginas)

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.

Também na internet:
vidapastoral.com.br

* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – BH), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente, leciona na Faculdade Católica de Fortaleza. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas).
E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj*

5º DOMINGO DA PÁSCOA

3 de maio

“Permaneçei em mim e eu permanecerei em vós”

I. Introdução geral

O Sl 22, com o qual respondemos às leituras de hoje, expressa o desejo de que todas as nações e gerações futuras estejam diante de Deus para adorá-lo. Por enquanto os povos ainda não se arrependeram de suas ações violentas e ainda não praticam a unidade entre si. Tampouco se consideram irmãos, já que não reconhecem o mesmo Deus e único Pai.

Tornar esse desejo, expresso no salmo, em realidade depende, em grande parte, do modo como os seguidores de Jesus vivem o mandamento do amor. Seguir Jesus ou permanecer nele significa amar incondicionalmente. Significa amar como Jesus amou, fazendo do perdão a resposta definitiva ao ódio e à violência.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 15,1-8): Permanecer em Jesus

O evangelho de hoje nos mostra os elos que formam a corrente do amor: o Pai, Jesus, os cristãos. Jesus nos mostrou quanto o Pai nos ama. Agora somos nós, os discípulos, que devemos mostrar ao mundo quanto experimentamos do amor do Pai por meio de Jesus. Para isso, é necessário que os membros da comunidade permaneçam unidos.

A metáfora da videira e dos ramos ilustra bem isso. Assim como os ramos da videira estão unidos entre si pelo tronco, os cristãos somente poderão estar vinculados uns aos outros se permanecerem no mandamento de Jesus, a saber, o amor. A maioria daqueles que se dizem cristãos ainda não atendeu para o fato de que “permanecer em Jesus” não significa se tornar adepto de doutrinas, mas dar adesão a alguém, a uma pessoa concreta, Jesus. O mandamento que nos une a Jesus é o amor. O exercício do amor fraterno é o sinal distintivo do cristão justamente porque é a prova de sua comunhão vital com o Senhor.

Somente unido ao tronco o ramo pode viver e frutificar: “sem mim nada podeis fazer” (v. 5). Isso mostra não somente nossa dependência de Cristo, mas também a vontade dele de nos doar sua própria vida. E é impossível ter uma vida de comunhão com Cristo, que é o amor encarnado, sem que se produzam frutos de amor – manifesto não simplesmente pela eloquência ou pela multiplicação de palavras, “mas por atos e em verdade” (II leitura, v. 18).

2. I leitura (At 9,26-31): Permanecer na unidade

A leitura fala sobre desconfiança e sobre lealdade. O texto refere-se à chegada de Saulo

a Jerusalém e afirma que todos tinham medo dele, pois não acreditavam que fosse discípulo de Cristo (v. 26). As pessoas começam a ter dúvidas sobre a sinceridade da conversão do perseguidor. Parece ser algo extraordinário que a ação de Cristo sobre o principal opositor da comunidade o tenha feito mudar de vida, por isso é tão difícil acreditar.

A conversão é possível a todos, mas converter-se não é apenas passagem da incredulidade para a fé, como muita gente pensa. É, antes de tudo, um exercício de saída do egoísmo para o crescimento no amor. Sob esse aspecto, a conversão não é acontecimento pontual na vida de uma pessoa, mas a vida inteira em progresso de santidade.

É comum desconfiarmos que alguém tenha mudado radicalmente de vida de um momento para o outro, à semelhança do ocorrido com Saulo. Mas quem realmente fez a experiência amorosa com o Mestre da Galileia pode ousar dar um voto de confiança e até mesmo um passo na direção do antigo inimigo da fé, ainda que isso traga dissabores e riscos à própria vida. Assim fez Ananias, e outros seguiram esse exemplo.

Dado o voto de confiança, a comunidade prossegue guiada pelo Espírito Santo, anunciando com coragem o Evangelho. É importante que Saulo esteja unido aos demais apóstolos e sob a ação do Espírito, que realiza a comunhão entre os novos irmãos e as testemunhas oculares de Jesus. A efetivação da missão e o crescimento da comunidade são frutos dessa comunhão. Tanto a conversão do coração quanto a unidade de todos os membros do corpo, que é a Igreja, constituem uma única ação do Espírito Santo.

3. II leitura (1Jo 3,18-24): Permanecer no amor

Crer em Jesus é amar, afirma a segunda leitura. Amor que não se confunde com sentimentalismo de novela, mas se traduz em atos de amor eficaz em favor do próximo. É dessa



forma que os discípulos mostram que permanecem em Jesus. A comunidade está sob um novo mandamento. No Antigo Testamento, o povo de Israel encontrava sua identidade no amor a Deus e no amor ao próximo como a si mesmo (cf. Dt 6,5; Lv 19,18). O novo mandamento dado por Jesus é que amemos como ele nos amou (cf. Jo 13,34; 15,12; 1Jo 3,23). Essa é a verdadeira identidade do cristão.

III. Pistas para reflexão

Um destaque maior na reflexão pode ser dado ao seguinte versículo: “E qualquer coisa que pedirmos dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos” (1Jo 3,22).

Trata-se de boa oportunidade para corrigir alguns desvios pastorais de nossa época, principalmente no que tange à ideologia da prosperidade. Será que Deus assinou um cheque em branco para nós? Teria Deus nos dado a senha de seu cartão com crédito ilimitado? Seria Deus um gênio da lâmpada de um conto de fadas, pronto para realizar nossos desejos? Em um trecho mais adiante da primeira carta de João, fica claro que Deus nos concederá o que desejarmos se o pedirmos “conforme a sua vontade” (1Jo 5,14), ou seja, quando desejarmos o que Deus deseja.

Disse Jesus: “o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vos dará” (Jo 16,23); mas, para pedir a Deus qualquer coisa em nome de Jesus Cristo, é preciso estar primeiramente em consonância com o modo de ser de Jesus. Pedir algo a Deus em nome de Cristo é como se o próprio Cristo estivesse pedindo. Dessa forma, somente podemos pedir o que Cristo pediria. E o que ele pediria? “Pai... não seja feita a minha vontade, mas a tua” (Lc 22,42).

Depois de corrigir todo desvio de interpretação decorrente da ideologia da prosperidade, poderemos voltar ao nosso trecho de 1Jo 3,22, acrescentando-lhe as mesmas pala-

Maria, mulher de Deus e dos pobres **Releitura dos dogmas marianos**

Clara Temporelli



Quem é Maria? Será a verdadeira Maria a mesma da doutrina da fé? Qual o sentido desse sentimento tão profundo, detectado nas pessoas, com relação a Maria? O propósito deste livro é resgatar a figura de Maria a partir de uma releitura dos dogmas marianos. A autora parte do interesse teológico com o fim de aprofundar a figura de Maria a partir da fé da Igreja, e enfrentar o desafio de descobrir o mistério de Maria e do desígnio da salvação nas definições dogmáticas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





bras de Jesus: “Pai, eu te agradeço porque me ouviste e eu sei que sempre me ouves” (Jo 11,41-42).

6º DOMINGO DA PÁSCOA

10 de maio

“Fui eu que vos escolhi”

I. Introdução geral

O povo de Israel tinha consciência de ser povo escolhido por Deus. Mas também foi afirmado várias vezes pelos profetas e pelos salmistas que as nações eram convidadas a entrar na mesma dinâmica de Israel, ou seja, adorar o Deus único, vivo e verdadeiro. Reza o salmista: “Aclamai o Senhor, ó terra inteira, cantai-lhe hinos de louvor”. Sendo assim, qual é a identidade de Israel, já que todos os povos são chamados a se congregar como povo de Deus? Basicamente, a vocação e o papel de Israel em meio às demais nações é ser instrumento de Deus para que todos possam conhecer o Deus da aliança e com ele fazer comunhão. Essa é a mesma vocação da comunidade dos discípulos de Jesus ao longo da história, até que ele volte.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 15,9-17): Escolhidos para amar

O evangelho de hoje nos fala sobre a Igreja como lugar da amizade. Jesus nos é apresentado como alguém que confia aos seus amigos tudo o que ouviu do Pai (v. 15). Conforme a palavra de Jesus, a Igreja não se fundamenta em relações de poder

entre senhor e escravo, nas quais alguns se impõem sobre os outros, no saber e no poder. Jesus superou essa mentalidade do mundo onde uns mandam e outros obedecem; ele convocou uma família, não fundou uma empresa. Somos vocacionados para amar, para viver em comunhão, partilhando uns com os outros aquilo que somos e o que temos.

Jesus confia a nós tudo o que ouviu do Pai, dando-nos o exemplo para que confiemos uns nos outros e sejamos transparentes uns com os outros, a fim de formar verdadeira “comunidade”. Se levarmos em conta esse exemplo de Jesus, a Igreja será círculo de fraternidade, local de acolhida do diferente, espaço onde todos se sentirão à vontade para ser o que são, família da qual ninguém será excluído.

Contudo, esse exemplo de Jesus encontra inúmeras resistências em nossa época. Ainda resta um caminho longo e difícil para a inclusão e a aceitação do diferente. Faz-se cada vez mais urgente voltarmos ao Evangelho e darmos atenção às palavras de Jesus.

Há grupos dentro da Igreja que querem impor um modo de ser Igreja bem diferente daquele que foi pensado e desejado por Jesus. São grupos autoritários que se definem como únicos conhecedores da essência do cristianismo e defensores da doutrina. No entanto, suas práticas de exclusão se chocam com o agir de Jesus, que se fez amigo de todos, não teve pretensões autoritárias nem tencionou ser o único conhecedor das palavras que ouviu do Pai, pois as partilhou com todos.

E o que Jesus teria ouvido do Pai? Ou melhor, qual seria a vontade do Pai que Jesus cumpriu e nos mandou observar? Na verdade, Jesus a sintetizou em poucas palavras: viver o mandamento que ele deixou, a saber: estar aberto e livre para amar concretamente. Se estivermos dispostos a isso, estaremos em sintonia com ele e, portanto, em sintonia com o Pai.



2. I leitura (At 10,25-26.34-35.44-48): Deus ama a todos, não faz acepção de pessoas

A primeira leitura traz o relato de um dos aspectos constitutivos da Igreja: a universalidade da mensagem de Jesus. Cornélio nos é apresentado pelo texto dos Atos dos Apóstolos como o primeiro não judeu a ingressar na comunidade dos seguidores de Jesus. Primeiramente, isso significou um despertar para a concepção de que a missão de Israel e a da Igreja jamais seriam excludentes, fato expresso na palavra de Pedro: “Deus não faz acepção de pessoas” (v. 34). A atualidade dessa palavra de Pedro é inquestionável. Que ela possa ressoar nos corações e mentes daqueles que pretendem excluir como impuros os que foram purificados por Deus por meio do mistério pascal de Jesus Cristo.

O gesto realizado por Pedro deve se converter em imagem da Igreja aberta a todas as pessoas, como autêntico testemunho do amor de Deus a todos.

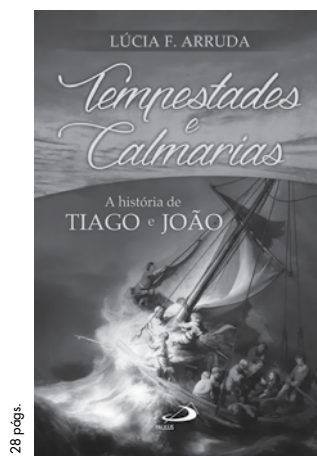
3. II leitura (1Jo 4,7-10): Deus nos amou primeiro

O fundamento de toda a argumentação desse texto bíblico é a afirmação de Jesus no Evangelho de João: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que está no seio do Pai, é quem o deu a conhecer” (Jo 1,18). Por isso o Antigo Testamento proíbe fazer imagens de Deus (Dt 5,8; Ex 20,4), porque sua imagem é o homem e a mulher (Gn 1,26-27). O Deus invisível se revela no amor humano. Como, na mentalidade hebraica, a imagem significa a presença e a representatividade, o ser humano, em suas diferenciações de gênero, constitui o lugar da presença de Deus no mundo. A presença divina está onde existe o amor humano. Mais ainda, o ser de Deus é o amor, como origem e sentido de tudo que existe.

Não vemos a Deus, mas escutamos sua palavra e podemos fazer sua vontade. Por

Tempestades e calmarias A história de Tiago e João

Lúcia F. Arruda



Os apóstolos Tiago e João foram apelidados por Jesus de Boanerges, que significa “os filhos do trovão”. De temperamento impetuoso e impulsivo, os dois irmãos tiveram por parte de Jesus um tratamento especial, pois foram os únicos, junto com Pedro, que presenciaram acontecimentos importantes da vida dele, como a Transfiguração. Nesta obra em forma de narrativa, a autora conta, com pesquisa atualizada sobre o contexto da época, os percalços de um itinerário fascinante e a transformação que os dois discípulos experimentaram no seu relacionamento com o Mestre. A história dos filhos de Zebedeu é, sem dúvida uma lição de vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





isso o texto nos exorta a amar uns aos outros para podermos reconhecer nossa origem, nossa experiência mais original. E como podemos viver esse amor se somos tão frágeis e egoístas? A força que nos liberta do egoísmo não é iniciativa nossa, mas de Deus. Ele nos criou capazes de amar. Não fomos nós que o amamos primeiro, mas foi ele quem nos amou antes de toda a criação e nos convida a entrar nessa sintonia de amor, nessa comunhão, que nos põe em colaboração com ele na sua obra de redenção.

Em que consiste o amor? (v. 10). O amor é a graça que sempre nos precede, que não podemos conquistar nem criar, pois nos é oferecida como dom. Somente quem fez a experiência da prioridade do amor pode falar sobre Deus.

III. Pistas para reflexão

O amor não apenas nos precede, mas nos resgata. O texto de 1Jo 4,10 usa um termo fundamental da tradição sacrificial do Antigo Testamento, “propiciação” (oferenda de expiação, cf. Lv 16) pelos nossos pecados. Já não precisamos sacrificar um animal; o amor do Filho, na gratuidade e entrega de si mesmo, redime-nos do pecado. Isso é o que pode mudar nossa vida, pois do amor surgimos, do amor renascemos, libertando-nos do pecado e da morte.

Algumas pessoas querem substituir os sacrifícios de animais por promessas extravagantes que fazem aos santos. No entanto, o que agrada a Deus é o amor; numa palavra, o amor é o único mandamento que Jesus nos deixou. O amor resume todo o cristianismo, e o amor não exclui ninguém.

Os ritos, os sacramentos, a missa, os sacramentais etc., tudo isso existe para nos conscientizar de que devemos estar dispostos e livres para amar as pessoas em todas as circunstâncias do cotidiano. Vamos à Igreja para sintonizar com o Deus de amor e mais

profundamente viver essa sintonia em cada momento da vida.

Ascensão do Senhor

17 de maio

“Anunciai a boa-nova a toda criatura”

I. Introdução geral

Hoje a Igreja celebra a solenidade da Ascensão do Senhor. Estritamente falando, não é uma nova festa, mas a plenificação da Páscoa. Estar sentado à direita do Pai não é tanto um triunfo ou um prêmio que Jesus recebe por bom comportamento e por ter realizado a tarefa que lhe foi proposta. O triunfo de Cristo é o ponto aonde deve chegar cada ser humano na plenitude de suas potencialidades. Celebramos a elevação do ser humano antecipada na ascensão de Cristo.

Ressuscitou, subiu ao céu, está sentado à direita do Pai são termos e expressões cujos significados denotam que a missão terrena de Jesus culminou. Tudo o que ele veio realizar foi feito. Agora a comunidade de seus seguidores deve continuar a missão de edificar o Reino de Deus neste mundo. Por isso, as leituras de hoje nos oferecem uma síntese da missão dos cristãos, fundada em três afirmações inseparáveis: 1) ressurreição: Jesus venceu o pecado e a morte; 2) ascensão: Jesus está junto do Pai, exercendo autoridade sobre a criação e a história; 3) esperança: Jesus voltará (parusia) inesperadamente para plenificar todas as coisas.

A missão dos cristãos situa-se entre a ascensão e a parusia, anunciando e edificando o Reino de Deus até que Cristo venha.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 16,15-20): Ide pelo mundo inteiro

O evangelho de hoje enfatiza o mandato missionário recebido por todo cristão. Primeiramente, oferece um resumo das experiências que os discípulos tiveram com o Ressuscitado, seguido do mandato missionário no qual são elencados os elementos ou sinais principais da missão dos cristãos: expulsar demônios, falar todas as línguas, ser imune a qualquer veneno e curar os enfermos. Percebemos aqui que a missão dos cristãos possui os mesmos elementos ou sinais da missão de Jesus. Aparentemente, é uma missão impossível. É necessário compreender cada um desses elementos. Antes de tudo, trata-se de sinais e não de demonstrações (muito menos midiáticas), os quais têm por objetivo indicar que os missionários entraram em um campo novo de ação e para isso receberam uma autoridade originada no Pai, ao lado do qual está Jesus. Significa que é uma ação dos cristãos, mas não unicamente deles: é uma ação de Deus regenerando este mundo por intermédio da obra evangelizadora dos cristãos.

Expulsar os demônios em nome de Jesus significa, primeiramente, continuar a sua luta contra o mal, como foi enfatizado ao longo do Evangelho de Marcos. Não é tanto fazer exorcismos, mas instaurar um reino de justiça, fraternidade e paz em oposição ao mal, ao pecado e ao egoísmo. É continuar a luta de Jesus em cada circunstância da vida, enfatizando o poder do bem contra o mal, e não o contrário. Uma forma de exorcismo que cada um pode fazer é evitar desanimar por causa do aumento da violência e prestar mais atenção nas ações das pessoas de bem que fazem grandes mudanças na sociedade.

Falar novas línguas, no contexto narrativo dessa leitura, não significa a oração em

DVD – Canto e música na liturgia

Cireneu Kuhn



A Sagrada Escritura, os Pais e Mães da Igreja e os documentos oficiais sobre a liturgia insistem na importância do canto e da música. Porém, cada música deve possuir um sentido e significado. O conteúdo desse DVD é apresentado em três blocos: 1 - Quem canta na liturgia? 2 - O que cantar na liturgia? e 3 - Um canto para cada tempo litúrgico. No final de cada bloco são colocadas algumas perguntas para o grupo aprofundar o tema. Este subsídio serve de auxílio para nossas comunidades cristãs a celebrar de forma ativa e frutífera, cantando o canto novo dos ressuscitados em Cristo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





línguas, pois se trata não de falar com Deus – não é um texto sobre oração –, mas do mandato missionário de falar às pessoas do mundo inteiro. Significa que os cristãos farão um esforço para não impor uma cultura ou modo de pensar, mas anunciarão o Evangelho, a boa notícia de Jesus, levando em conta os destinatários, seu contexto histórico-social e cultural.

Serpentes e venenos que não causam nenhum mal não significam que o cristão é blindado para que nada de ruim lhe aconteça, como quer nos iludir a ideologia da prosperidade. Ao contrário, os cristãos estão sempre à mercê de muitos sofrimentos e perseguições, como aconteceu com Jesus e como vemos na vida dos santos. Bem entendidas, essas palavras de Jesus, em linguagem apocalíptica de luta contra o mal, significam que os verdadeiros cristãos estão imunes às serpentes e venenos do egoísmo que matam pela exclusão social, pelo preconceito e falta de aceitação do outro, pela calúnia, corrupção e desonestidade. É desse veneno maligno que os verdadeiros cristãos estão imunes e por ele jamais serão destruídos.

Imporão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados. Essa expressão nos situa de novo no centro da atividade de Jesus – por onde ele andava, curava os enfermos. Os cristãos são, antes de tudo, crentes, isto é, pessoas unidas de tal forma a Jesus, que compartilham do seu poder de curar. Longe de pensar que isso se refere aos santos ou a uns poucos privilegiados, a cura das enfermidades é um sinal que acompanha todo aquele que crê. Não se trata tanto de um dom carismático, mas da cura dos corações marcados pelo egoísmo e pelas feridas do desamor. Todos nós podemos escolher entre ferir ou curar. E podemos pôr em prática essa palavra de Jesus por meio de nossas palavras e ações no compromisso com o outro.

Resumindo: num mundo perigoso (venenos e enfermidades), os cristãos deverão

ser capazes de expandir a Palavra em toda língua, superando o poder do mal e ajudando os outros a viver (curas). Desse modo, o anúncio do Evangelho se converterá em ação transformadora, sinal de que o mal cede lugar ao Reino que estará se expandindo na terra.

2. I leitura (At 1,1-11): Sereis minhas testemunhas até os confins do mundo

Por que ficais parados olhando para o céu? O que o Cristo tinha de fazer aqui entre nós ele já fez. A partir de agora, cabe a nós desenvolver a nossa vida particular e coletiva, assimilando e vivendo os ensinamentos que Jesus nos transmitiu. A fé cristã implica responsabilidade. Cristo nos legou a boa-nova do Reino, agora cabe a cada um de nós, pessoalmente e em comunidade, responder a ele com nosso modo de viver. Não estamos abandonados, há uma promessa: o poder do Espírito que nos capacita a testemunhar até os confins do mundo.

A chamada de atenção feita pelos “homens vestidos de branco” significa que o verdadeiro seguimento de Jesus não envolve ficar parado olhando para o céu, esperando que Cristo faça a evangelização do mundo. A parte dele já foi feita, agora nos compete levar ao mundo inteiro, a toda criatura, a sua mensagem. Tornar o Reino de Deus algo real no nosso mundo.

O envio messiânico universal é a ata de fundação da Igreja. Jesus envia seus discípulos a todo o mundo conforme um programa, um esquema de universalidade que aparece em vários textos do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos: partindo de Jerusalém, passando pela Judeia e Samaria e chegando a todo o mundo, a todo cosmo, no idioma grego. Significa que a evangelização é um processo, um desenvolvimento que somente chegará ao seu término quando todos tiverem recebido a mensagem de Jesus.



A missão cristã se estende desde o princípio a todo o mundo, a todos os povos e culturas. Trata-se de um contexto universal; desaparecem as distinções entre os povos, já não há um povo único de Deus, mas todos os povos pertencem a Deus e com ele estabelecem aliança. A missão é para a humanidade, para o cosmo aberto à palavra dos missionários.

3. II leitura (Ef 1,17-23): Somos continuadores da missão do Cristo

A segunda leitura afirma que a Igreja é o Corpo de Cristo. O que isso significa? Jesus foi elevado ao âmbito do Pai e recebeu autoridade sobre todas as coisas. Os discípulos saíram pelo mundo proclamando o Evangelho com a cooperação do Senhor, que confirmava a palavra com sinais. A ascensão e a ausência física de Cristo tornam possível novo tipo de presença na comunidade de seus discípulos: somente quando Cristo “se vai” é que a Igreja começa a sentir a força dele atuando por meio dela. A comunidade dos discípulos, quer dizer, a Igreja é a presentificação do Cristo ressuscitado. Cristo se corporifica no mundo mediante seus discípulos, ou seja, o modo pelo qual se pode ver Cristo evangelizando o mundo são os evangelizadores. A Igreja o torna visível para o mundo.

Da mesma forma que não há corpo vivo sem cabeça, assim também não há Igreja sem a ação de Cristo ressuscitado agindo no mundo por meio dela. Portanto, podemos dizer que Jesus está no céu à direita do Pai, mas, ao mesmo tempo, está presente, coatuando por meio dos fiéis.

III. Pistas para reflexão

Na “oração para depois da comunhão”, o presidente da celebração diz: “Deus eterno e todo-poderoso, que nos concedeis conviver na terra com as realidades do céu, fazei que nossos corações se voltem para o alto, onde está junto de vós a nossa humanidade”. Essa

DVD – Missa, nossa ceia com o Senhor



Neste vídeo, gravado numa comunidade da Baixada Fluminense, temos a possibilidade de ver uma celebração eucarística coerente com o mandato de Jesus, com a tradição da Igreja e com a sede espiritual do povo. Focalizando os vários momentos da missa, imagens e comentários realçam a expressão ritual, explicitam o sentido teológico e a atitude espiritual correspondente. O objetivo dessa obra é partilhar conhecimentos e experiências de práticas litúrgicas respondendo ao anseio de formação litúrgica das comunidades cristãs espalhadas pelo Brasil. Estaremos sempre atentos às ações simbólicas, aos ministérios, ao espaço celebrativo, à dimensão orante e à ligação da liturgia com a vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





oração expressa muito bem o sentido profundo da Ascensão do Senhor. Nós somos introduzidos no seio da Trindade. Jesus, o homem verdadeiro, está junto do Pai. Com ele nossa humanidade já está lá. A Ascensão do Senhor é a celebração da plenificação de nossa humanidade junto de Deus. Já convivemos aqui na terra com esse grande mistério.

Que a comunidade não desvirtue a celebração desse grande mistério com uma devoção mariana. Atribuir o mês de maio a Maria não deve implicar a sobreposição de uma devoção à grandeza do mistério que celebramos hoje. Portanto, os cânticos não devem ser marianos, muito menos a homilia. O foco dessa celebração é Cristo, que leva nossa humanidade para o seio da Trindade. Mesmo em uma paróquia consagrada a Maria e mesmo que se esteja em pleno festejo, a ênfase deve ser dada à ascensão de Cristo e à nossa ascensão com ele para junto do Pai.

Pentecostes

24 de maio

“Envia teu Espírito, Senhor, e renova a face da terra”

I. Introdução geral

O Espírito Santo é fonte e força do amor mútuo. É também sinal de que estamos vivendo um novo tempo. Jesus culminou o caminho dele aqui na terra e foi glorificado por Deus Pai, mas não nos deixou sozinhos: deu-nos o mesmo Espírito que o ungiu e o animou na missão.

A missão do Espírito que nos foi dado nos leva à verdade completa, faz-nos entrar em comunhão com os seres humanos e com Deus. O Espírito é presença de Deus nos ca-

minhos da história por meio da Igreja, que é movida por ele. Ao unir os seres humanos no amor, o Espírito nos dá a certeza do que será no final dos tempos, a comunhão plena no Reino de Deus. Por causa desse amor que nos põe em comunhão, há partilha dos bens, há oração sincera, há evangelização. Em função da comunhão, o Espírito nos faz falar e compreender todas as línguas, porque a língua universal é o amor e sem ele somos apenas “sinos que retinem” (1Cor 13,1). Por isso, crer no Espírito significa crer no futuro da vida, na renovação radical de toda a terra, no caminho do amor que supera as dificuldades deste mundo e nos dirige ao amor em plenitude.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 20,19-23): Recebei o Espírito Santo

O texto do evangelho de hoje enfatiza desde o início o aspecto da comunhão: era o primeiro dia da semana, o dia do Senhor, e os discípulos estavam reunidos. As portas fechadas simbolizam o medo da hostilidade existente lá fora. São os inícios de uma Igreja que vive a fragilidade e as dúvidas, que necessita da presença do Senhor. Mas Cristo ressuscitado está com eles, sua presença se faz visível e ele coloca-se no centro, no meio deles.

“A paz esteja convosco!” é o início do diálogo por iniciativa do Ressuscitado. Os discípulos têm medo, e isso os deixa desconfiados. Mas Jesus os conforta com sua palavra e presença sensível, é o verdadeiro mestre que eles haviam seguido, possui as chagas que são os sinais gloriosos de sua vida terrena. Quem faz a experiência com o Ressuscitado sabe que ele não é uma fantasia.

Os discípulos estão reunidos como Igreja, e o Cristo lhes oferece o perdão e lhes envia em missão. Antes de tudo, a Igreja é a



comunidade que recebe o perdão de Cristo e o distribui ao mundo. Evangelho e perdão não estão separados, pois a “boa notícia” que a Igreja dá ao mundo é que, em Jesus Cristo, o ser humano está perdoado por Deus, pois o Filho de Deus triunfou sobre a causa do pecado, a saber, o egoísmo.

A um mundo atormentado por injustiças, guerras e violências, Cristo oferece a paz fundadora e criadora que combate a raiz do pecado. A uma comunidade fechada por causa do medo, o Cristo estende a graça da vida dele, tornada princípio da missão universal. Jesus é a paz para aqueles que o recebem e para todos.

A Páscoa torna-se Pentecostes, pois o Ressuscitado sopra sobre seus discípulos dizendo: “Recebei o Espírito Santo” (v. 22). Um gesto que alude a uma nova criação, uma vez que, no princípio, Deus havia soprado sobre o ser humano, tornando-o ser vivente (cf. Gn 2,7). Agora o gesto de Jesus nos indica que o Cristo pascal leva ao ápice a criação que fora começada.

O Evangelho de João une Páscoa e Pentecostes em um mesmo mistério: a manifestação pascal de Cristo se torna efusão do Espírito do Ressuscitado sobre a totalidade da Igreja. A Páscoa significa que a morte de Jesus pela humanidade abre um caminho de amor e de transformação do mundo. E Pentecostes é o dom da Páscoa, é ter o mesmo Espírito de Jesus, é viver à luz do mesmo sopro vital que o animava.

2. I leitura (At 2,1-11): Todos ficaram cheios do Espírito Santo

Os discípulos, em grande número, estavam reunidos, perseveravam em oração enquanto aguardavam a vinda de Cristo, a qual associavam com o fim dos tempos. Ali onde esperavam o julgamento divino sobre o mundo, tiveram a grata surpresa de participar de uma ação que era exatamente o contrário do que pensavam. De fato, os profetas haviam

Sujeitos no mundo e na Igreja Reflexões sobre o laicato a partir do Concílio Vaticano II

João Décio Passos



344 págs.

A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja do Brasil o interesse de Dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação. É preciso juntar forças, unir-se na mesma ação evangelizadora, partilhando sonhos e desejos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas “para” os leigos, mas “com” os leigos. Juntos sonhamos com uma parceria fecunda, madura e oportuna para uma verdadeira evangelização em nosso território nacional.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





previsto um derramamento do Espírito no final dos tempos, e unido a isso aconteceria o julgamento das nações e grandes catástrofes da natureza (como está escrito em Joel 2,28-32, citado em At 2,17-21).

Reunidos em oração, estavam dispostos a enfrentar o julgamento de Deus sobre as nações e morrer num grande acontecimento cósmico que revelaria a glória de Cristo. Mas o que aconteceu com a efusão do Espírito foi a comunhão entre todos os povos e culturas, a comunicação eficaz entre as línguas diferentes. Num primeiro momento, podemos pensar que a experiência de comunhão dá-se em plano limitado, no interior da comunidade; no entanto a comunhão realizada em Pentecostes transborda as limitações religiosas e nacionais e se expande ao longo de toda a terra.

Muitas leituras atuais desse texto bíblico enfatizam a experiência com o dom de línguas. Até mesmo se denominam de pentecostais grupos e igrejas que fazem algum tipo de experiência atribuída ao Espírito Santo. Mas se lermos atentamente esse texto, veremos que se trata de um dom para a evangelização, para a missão, para a expansão da comunidade, e não para o crescimento pessoal com conotações de verticalidade na experiência espiritual. Nesse texto não se afirma que os membros da comunidade oraram em línguas (como é mencionado por Paulo com relação a uma prática da comunidade de Corinto). O texto diz que as pessoas falavam idiomas diferentes e todos se compreendiam; o oposto da narrativa sobre a torre de Babel. O enfoque no dom de línguas vem do termo “línguas estranhas”, que significa o mesmo que “línguas estrangeiras”. Além da possibilidade de evangelização do mundo inteiro, porque o Espírito Santo capacita a Igreja para proclamar o Evangelho em todas as culturas e idiomas, vemos nesse texto a comunhão entre todos os seres humanos, a unidade na diversidade.

O Espírito supera as velhas divisões entre os seres humanos. Ultrapassa as estruturas arcaicas da sociedade fundada em princípios de imposição dos mais favorecidos sobre os mais frágeis. A partir de Pentecostes, os seres humanos podem vincular-se por meio da graça de Deus, com base no dom do Espírito. A comunhão de todos os povos, que a partir de agora se realiza, é sinal e presença dos tempos escatológicos, meta da história humana que caminha para Cristo. A história humana, repleta de competições e de opressão de uns sobre os outros, realiza uma trajetória, marcada pelo Espírito do Cristo ressuscitado, para a comunhão plena de toda a humanidade num Reino de fraternidade e de paz.

3. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13): Batizados num só Espírito e formando um só corpo

O Espírito de Cristo une os seres humanos, a partir de Deus, em perdão e comunhão, por aquilo que são e não pelo que têm ou fazem. Até então não tinha havido nenhuma comunhão real, mas concorrência e competição, busca de influência, enfim, divisão generalizada. Agora, e somente agora, a partir da unidade de Cristo que nos torna irmãos, filhos do mesmo Pai, começa a história da graça que une a todos no amor e na liberdade. Há distribuição de carismas, mas é o mesmo Espírito; diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor; divisão de tarefas, mas é Deus que opera tudo em todos. O Espírito é um só e une todos os seres humanos numa comunidade que não se baseia na pura experiência interior, em ideias ou princípios gerais, mas na comunhão e na confiança mútua.

O Espírito congrega pessoas muito diferentes umas das outras que, em vez de fazer concorrência entre si, se servem mutuamente e são felizes em realizar isso no amor. Trata-se



de uma comunhão realizada pelo próprio Deus, e não por meio de um cooperativismo à maneira de um sindicato ou clube que une pessoas pelas tradições, costumes sociais ou culturais. Como o corpo é um só e tem muitos membros, assim é Cristo. Porque todos nós fomos batizados num só Espírito, formando um só corpo.

A comunhão realizada pelo Espírito Santo não se apoia em tradições sagradas nem em laços que vinculam as pessoas por aspectos culturais, econômicos ou políticos. Os cristãos não formam uma nação, um estado. A comunidade cristã tampouco é uma associação cultural, um clube espiritual, uma ONG com fins delimitados. A comunidade cristã quer suscitar uma comunhão não governamental ou política, mas de vida entre todos os seres humanos, fundada no Cristo.

Os cristãos querem formar uma comunidade de amor universal, em gratuidade, a partir dos mais pobres e excluídos, abrindo-se a todos os povos da terra, sem empregar meios de poder político-militar ou qualquer tipo de imposição.

III. Pistas para reflexão

Há um tipo de vida que é morte, feita de lutas e concorrências, de inveja e egoísmo. Mas há um tipo mais elevado de vida feito de doação, gratuidade, acolhida, comunhão... Essa é a vida que se desvela na trajetória da Igreja, a vida do Espírito. A Igreja, comunidade fundada na comunhão realizada pelo Espírito, não propaga a exclusão, ao contrário, distribui o perdão que vem de Deus. Não nega o perdão a ninguém.

A Igreja somente pode ser considerada comunidade de Jesus se é sinal e fonte de perdão e, portanto, de inclusão. A própria Igreja expressa o perdão, encarna-o e o anuncia ao mundo. Portanto, onde o perdão é oferecido há perdão, e onde a Igreja mostra que não há perdão isso ocorre porque as pessoas

A força dos pequenos Teologia do Espírito Santo

Antonio Manzatto/João Décio Passos
José Flávio Monnerat



128 págs.

Deus está conosco! Eis a afirmação fundamental de nossa fé cristã. Deus vem a nós em Jesus. A encarnação do filho de Deus nos liga definitivamente a ele; sua humanização nos introduz num dinamismo de divinização e, desde então, a história está eternamente ligada ao Verbo de Deus. A obra apresenta a experiência de estudo popular de Teologia na Região Brasilândia, da arquidiocese de São Paulo. As reflexões expressam os dramas da vida do povo que busca consolo na Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ainda se afrontam e se confrontam. Somente onde a luta por justiça ainda não chegou ao seu término e quando a justiça ainda não tenha sido instaurada é que a Igreja retém o perdão, para que se possa realmente continuar lutando até edificar um mundo justo de paz e fraternidade universais.

Santíssima Trindade

31 de maio

Na vida de Jesus nos foi revelado que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo

I. Introdução geral

Foi Pentecostes que levou os discípulos a reler a vida de Jesus e perceber naquele homem de Nazaré um excesso de significado, pois notaram que havia algo mais naquela existência humana, uma origem divina. A fé no Deus trinitário surgiu da releitura da vida de Jesus na sua relação com o Pai e com os seres humanos. A Encarnação, a União para o ministério público e a Ressurreição constituem os momentos principais da atividade do Espírito Santo na vida de Jesus. Isso significa que o vínculo que Jesus demonstra ter com o Pai e com os seres humanos é realizado pela ação do Espírito Santo. Jesus veio para fazer a vontade do Pai e a discernia em oração sob a ação do Espírito, que o conduziu em todos os momentos. O Evangelho, a boa-nova para a humanidade acerca de um Reino de fraternidade e paz, é proclamado e instaurado por Jesus no poder do Espírito Santo.

O Deus dos cristãos se revela como dom, entrega pessoal e comunhão plena, na qual fomos convidados a entrar desde agora com base no amor efetivo a Deus e ao próximo, para que no fim dos tempos cheguemos à plenitude deste dar e receber amor. Na vida de Jesus nos foi revelado que Deus é Pai, pois tem um Filho com o qual forma uma comunhão única. Tal revelação nos foi dada pelo influxo do Espírito Santo sobre nossa consciência. O conhecimento dessa comunhão é a fonte de toda a vida cristã, tanto no que se refere à oração quanto à vida comunitária e à atividade missionária.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 28,16-20): Batizai em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

O Deus que se revela no Novo Testamento não é diferente daquele que caminhou com o povo de Israel. Trata-se do mesmo Deus justo e misericordioso desde toda a eternidade. Contudo, a revelação desse Deus que é comunidade de amor pertence apenas ao Novo Testamento, pois, com a vinda de Cristo, Deus se revelou ao ser humano no mistério de sua vida íntima e entrou doravante em relação com a humanidade não apenas como Deus único, Senhor e criador, mas também como comunidade de amor. Deus é Pai que nos ama como filhos em seu Filho único e na comunhão do Espírito Santo.

Além disso, o privilégio da filiação não está reservado a um só povo, mas estendeu-se a todo aquele que aceitar a mensagem de Jesus. Com efeito, antes da ascensão, Cristo havia dado aos discípulos o mandamento de evangelizar todas as nações e batizá-las “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (v. 19).



Cada ser humano entra em relação com essa Comunidade Divina de amor mediante o batismo, mergulho na vida, morte e ressurreição de Cristo. Por esse mergulho renasce a vida nova e cada um torna-se incorporado a Cristo. Sendo membro de Cristo, torna-se filho no Filho, participante da família divina. É templo do Espírito Santo, que infunde no cristão o espírito de adoção. Perante Deus, o cristão é um filho introduzido na intimidade da vida trinitária, a fim de que viva na história o reflexo daquela comunhão existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Eis a missão dos discípulos de Jesus: efetivar neste mundo o Reino de fraternidade universal, fazendo acontecer a grande família humana, a exemplo da família divina, da qual somos imagem e semelhança.

2. I leitura (Dt 4,32-34.39-40): O primogênito dentre as nações

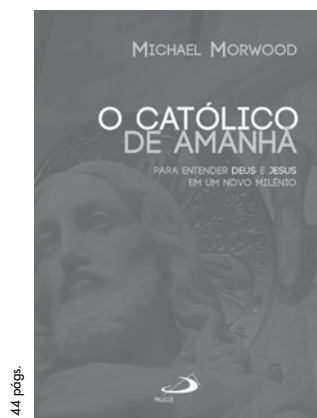
A fé no Deus trinitário não pertence ao Antigo Testamento, o qual se limita a proclamar a unicidade do Deus “vivo e verdadeiro” em oposição aos ídolos de morte. A primeira leitura tirada do livro do Deuteronômio nos oferece grande ensinamento sobre o Deus único. O Deus da aliança está “lá em cima no céu e aqui embaixo na terra; e não há outro” (v. 39). Essa verdade tinha de ser constantemente lembrada a Israel por causa de seus vizinhos, povos politeístas, adoradores de muitos ídolos. Repetir constantemente essa verdade ajudava Israel a não cair na tentação da idolatria. Portanto, uma geração deveria contar à geração seguinte os feitos do Senhor, porque dessas narrativas o povo tirava a força para perseverar na fé.

O povo de Israel conservava na memória, principalmente litúrgica, os feitos do Senhor: seus atos de poder e de glória, mas também a constante presença divina, atraindo o ser humano para si e o defendendo de todo mal. Um Deus soberano no céu e libertador na terra. Um Deus que desceu para redimir os

O católico de amanhã

Para entender Deus e Jesus em um novo amanhã

Michael Morwood



Em linguagem clara e prática, Michael Morwood tenta transpor a lacuna entre a doutrina da Igreja e a mensagem evangélica essencial que é nosso legado cristão. O católico de amanhã apresenta um fascinante esboço da cosmologia contemporânea que liga a mensagem de Jesus e a espiritualidade de Pentecostes ao mundo em que vivemos. As questões sugeridas para discussão, a extensa bibliografia e o índice abrangente fazem deste livro um valioso recurso para o desenvolvimento da fé dos adultos. Uma obra inspiradora e oferecedora de esperança aos leitores graças a sua apresentação positiva de uma visão religiosa do mundo e de sua espiritualidade relevante para um novo milênio.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





escravos no Egito. Um Deus tão próximo, que fez um pacto, uma aliança de amor e fidelidade com os descendentes de Abraão, ínfimos a tal ponto que nem sequer eram conhecidos como um povo, por serem considerados apenas escravos fugitivos.

Era um Deus totalmente diferente dos ídolos das demais nações, pois amava os hebreus, que aos olhos do mundo eram pessoas insignificantes, seminômades que atravessavam o deserto indo de um oásis a outro. Entretanto, Deus conduziu Israel como um pai conduz um filho, tirando-o dentre as nações e o constituindo um povo para si.

3. II leitura (Rm 8,14-17): Pelo Espírito clamamos Abbá, Pai

O texto que lemos ressalta de maneira particular a ação do Espírito Santo na filiação divina do ser humano: “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus” (v. 16).

O Espírito Santo nos foi enviado para nos transformar interiormente e nos conformar à imagem do Filho. Trata-se de uma regeneração íntima, verdadeiro renascimento espiritual. O Espírito Santo é autor e testemunha que, infundindo no ser humano a íntima convicção de que é filho de Deus, o encoraja a amá-lo e invocá-lo como Pai.

Mas para que o poder do Espírito Santo possa cumprir essa obra de filiação, o ser humano necessita deixar-se guiar por ele à luz de Jesus Cristo, que em todo o seu agir foi movido pelo Espírito Santo. Dessa forma, “todos os que se deixam guiar pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (v. 14).

Não há nenhum louvor mais agradável à Comunidade Divina que nossa abertura à ação do Espírito. Essa ação nos faz participantes da mesma obediência de Jesus à vontade do Pai. E nos faz servos de nosso próximo como Jesus o foi. É assim que demonstramos nossa fé trinitária, na vivência cotidiana conduzida pelo Espírito, configurando nosso

agir ao agir de Cristo no serviço aos irmãos e em obediência à vontade do Pai.

III. Pistas para reflexão

É muito salutar que o presidente da celebração não se aventure a explicar de modo abstrato o dogma da Trindade, correndo o risco de dizer heresias e/ou transformar a nossa fé num criptopaganismo e confundir a cabeça do povo.

Basta que as leituras bíblicas sejam explicadas. No evangelho, vemos Jesus sempre conduzido pelo Espírito Santo e em obediência ao Pai. É assim que vemos e compreendemos a Trindade, à luz da vida de Jesus.

A fé na Trindade é mais que um conjunto de palavras complicadas e abstratas, é um modo de viver no mundo. A fé, conforme a carta de Tiago (2,18), é algo que se mostra e se vê. Nossa fé na Trindade não é tanto um conjunto de definições teológicas, mas um modo de viver configurado ao viver de Cristo, ungido pelo Espírito e em obediência à vontade do Pai.

Corpus Christi

4 de junho

Corpo e Sangue da nova aliança

I. Introdução geral

Deus fez aliança com Israel ao libertá-lo do Egito. Esse pacto foi instituído por meio de um rito. Primeiramente, o sangue do cordeiro pascal foi derramado em substituição à vida dos primogênitos dos hebreus. Depois o rito continuou na celebração de uma refeição, a ceia pascal, memorial da libertação, celebrada a cada ano pelos filhos de Israel



para atualizar aquele evento fundador e paradigmático da religião bíblico-judaica.

No Novo Testamento, Jesus faz sua última refeição juntamente com os discípulos dele. Tal refeição não é apenas o coroamento da atividade missionária de Jesus, mas o coroamento de todas as refeições que ele havia feito com os pecadores ao longo de sua vida terrestre. Conforme os evangelhos sinóticos, nos momentos finais da vida de Jesus, os comensais celebram uma ceia pascal. E nessa ceia Jesus substitui o cordeiro pascal e também se identifica com o pão ázimo e com o vinho abençoado. Jesus transforma radicalmente o significado dos elementos da ceia pascal, pois é nele que se dá a libertação definitiva e plena do ser humano. Portanto, é instaurada uma nova aliança firmada na libertação integral da humanidade. Na ceia eucarística, atualiza-se a libertação escatológica realizada por Jesus ao longo de sua vida que culminou na morte de cruz, celebrada antecipadamente nos gestos da última ceia.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 14,12-16.22-26): Tomai e comei, isto é meu Corpo

No Oriente antigo, o sangue simbolizava a totalidade da vida de um ser, animal ou humano. Por isso, quando o sangue de um animal era ofertado a Deus, na verdade o que se ofertava era a vida da pessoa que fazia a oferenda.

O termo sacrifício significa “tornar sagrado”; portanto, quando o sacerdote colocava o sangue do animal sobre o altar, a vida da pessoa ofertante é que se tornava sagrada, ou seja, consagrada a Deus. A ideia de sacrifício não tinha a atual conotação de “realização de algo difícil ou penoso”, mas de santificação ou sacralização da vida.

Antes de derramar o sangue na cruz, Jesus fez de sua vida uma oferta a Deus e à humanidade. Por isso ele antecipa, no gesto profético

da última ceia, o que se dará no momento culminante do dom de si mesmo, a morte na cruz. É por causa de uma vida inteira ofertada, a Deus e ao outro, que a morte de Jesus, cume dessa oferta, pode ser chamada de sacrifício. A vida inteira de Jesus é sacrifício, é uma vida consagrada, santificada. Jesus oferta a própria vida como nosso representante.

Sua obediência e fé integral nos substitui, já que não conseguimos ser obedientes e fiéis da mesma forma. Sua vida humana sem pecado nos liberta do pecado, sua ressurreição nos liberta da morte. Em tudo isso Jesus nos representa e nos substitui. Cessam daqui por diante os antigos sacrifícios de animais. O sangue, a vida ofertada da nova aliança é o que vigora doravante.

Também era comum na cultura antiga a concepção de que beber o sangue significava assumir a vida presente nele. Os povos vizinhos a Israel, na Antiguidade, costumavam beber sangue de animais porque acreditavam com isso assimilar as características do animal, como força, coragem, valentia. Por isso, o Antigo Testamento proíbe beber o sangue de animais. As palavras do Senhor: “Isto é meu corpo... isto é meu sangue”, “tomai e comei... tomai e bebei”, deveriam nos recordar de que nos compete assimilar em nossa vida as características da vida de Jesus.

Dessa forma, no Corpo e Sangue de Cristo vive e cresce a Igreja, com os fiéis continuamente se alimentando de amor, de fidelidade, de doação ao outro, de perdão e de todos os aspectos da vida de Jesus.

O Corpo e Sangue de Cristo são centro e sustentáculo da vida cristã. Por isso, quem deles se alimenta há que aceitar participar da doação de vida realizada por Cristo, em adesão à vontade do Pai e em doação ao próximo. Assim, por meio da eucaristia, os fiéis vivem o mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo, celebrando agora a comunhão sem fim na glória eterna.



2. I leitura (Ex 24,3-8): Este é o sangue da aliança que o Senhor fez convosco

A primeira leitura descreve com detalhes o rito da aliança entre Deus e Israel. Moisés reuniu o povo, construiu um altar, mandou oferecer novilhos em holocausto e derramou metade do sangue deles sobre o altar e com a outra metade aspergiu o povo.

O termo hebraico para aliança, “*berith*”, significa também pacto e casamento (pacto de amor). Um pacto ou contrato, mesmo o casamento, implica a observância de certas exigências. Nesse texto que acabamos de ler, a exigência é o cumprimento das palavras proclamadas na presença do povo, a saber, aquelas concernentes ao decálogo. De sua parte, Deus se comprometeu a cumprir suas promessas, cuidando de Israel como um pai cuida do filho, suprimindo-lhe as necessidades básicas e defendendo-o de todos os perigos.

O pacto bilateral da aliança no Antigo Testamento era estipulado mediante o sangue dos animais ali oferecidos em holocausto. O laço espiritual que unia o povo de Israel ao Deus da aliança era indicado pelo sangue aspergido sobre o povo.

3. II leitura (Hb 9,11-15): Cristo ofereceu a si mesmo como oferta sem mácula

A antiga aliança prefigurava a nova, ratificada em Cristo não “por meio do sangue de cabritos e de touros, mas no seu próprio sangue” (v. 12). Os sacrifícios realizados na antiga aliança, apesar da profundidade de seu simbolismo, eram inadequados para purificar a consciência e trazer a salvação.

Na nova aliança há um só sacrifício, “oferecido uma vez por todas” (v. 12) por ter valor intrínseco, infinito. Nele não há animais sendo sacrificados nem sacerdotes fazendo rituais. Oferta e ofertante se identificam no Filho de Deus humanado, o sumo

sacerdote, “o qual se ofereceu sem mancha a Deus”. Essa oferta eficaz tem o poder de purificar a consciência do ser humano “a fim de servirmos ao Deus vivo” (v. 14). Já não se trata de purificação exterior, e sim interior, que transforma o íntimo da pessoa, lavando-a dos pecados para que viva em conformidade com a graça.

III. Pistas para reflexão

Durante muitos séculos, foi esquecido da eucaristia o aspecto de comensalidade e refeição e superenfatizado o aspecto sacrificial do derramamento de sangue na cruz para o perdão dos pecados. Jesus foi transformado em animal de sacrifício. A celebração do Corpo e Sangue de Cristo deve chamar a atenção para o Pão e o Vinho, para a dimensão da refeição familiar onde todos estamos participando da mesma mesa.

Na reflexão deste dia, sejamos cuidadosos com as palavras, para que as pessoas da assembleia não tirem conclusões equivocadas. Jesus não é animal de sacrifício; a expressão bíblica que diz que ele é o “cordeiro de Deus” somente pode ser entendida à luz do significado do cordeiro pascal. É errado supor que Deus Pai, em vez da morte de um cordeiro na Páscoa, preferiu a morte do próprio Filho. A carta aos Hebreus afirma que o sangue de animais não tira o pecado. Deus nunca precisou disso. Mas o sangue do cordeiro pascal substituiu a vida do ofertante. Na realidade, o que se dava a Deus não era o sangue, mas a vida da pessoa (da família) que realizava o rito, e entregar a vida a Deus é ter a vida renovada, liberta, sem pecado. O sacrifício do cordeiro era um símbolo dentro de um rito.

Não há necessidade de que o Filho de Deus tenha o próprio sangue derramado como condição para que Deus nos perdoe os pecados, Deus Pai não é sanguinário. Jesus é aquele que se dedica à humanidade e ao bem



comum e dá início ao Reino de Deus a partir da vida dele. A vida inteira de Jesus foi de doação ao próximo, sem excluir ninguém. A vida terrestre de Jesus de Nazaré foi uma oferta total ao Pai e à humanidade. O sangue de Cristo é a vida de Cristo, o corpo de Cristo é a vida de Cristo. Nessas espécies está figurada a vida inteira de Cristo, incluindo sua morte e ressurreição. Tal vida foi uma oferta, e por isso Cristo é a humanidade ofertada a Deus, libertada integralmente do egoísmo, do pecado e da morte. Por isso Cristo nos representa, sua vida substitui a nossa. É isso que celebramos na ceia eucarística.

Nesse sentido, comungar da eucaristia é assumir a vida de Cristo na própria vida, é acolher a todos, não ter preconceitos, desamor, rancor, não praticar qualquer exclusão.

10º domingo do Tempo Comum

7 de junho

No Senhor está a misericórdia e copiosa redenção

I. Introdução geral

As leituras de hoje falam sobre pecado, condição que atinge todo ser humano, conforme afirma o apóstolo Paulo, quando diz que em Adão “todos pecaram” (Rm 5,12). Adão e Eva representam todos os seres humanos pecadores diante de Deus. Mas a ênfase das leituras não é o tema do pecado, e sim da misericórdia divina que perdoa o pecador. Afirma o Concílio Vaticano II que o próprio Deus “veio libertar o homem e dar-lhe força, renovando-o no íntimo e expulsando ‘o príncipe deste mundo’ (Jo 21,31), que o mantinha na escravidão do pecado” (GS 13).

Igreja Comunhão viva

Paul Lakeland



280 págs.

Paul Lakeland, diretor do Centro de Estudos Católicos da Universidade de Fairfield, debruça-se sobre as “marcas clássicas da Igreja”, com sua atenção voltando-se especialmente para o que podemos aprender sobre a natureza da Igreja como comunhão viva, a partir do exame dos valores e práticas das pessoas de fé comum. Lakeland adota um enfoque decididamente indutivo à reflexão eclesial. Ele analisa questões que a Igreja deve abordar, tanto as que afetam a atuação interna da comunidade de fé quanto as que dizem respeito às suas relações com outros grupos, religiosos ou seculares.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Jesus verdadeiramente homem, Filho de Deus, realizou a vocação humana, destruiu definitivamente o mal e nos associou à sua vitória sobre o pecado e a morte. Essa intervenção de Jesus na história é algo tão concreto, que ignorá-la constitui pecado contra o Espírito Santo. Esse tipo de pecado não é algo que se pratique aqui e ali, é opção de vida somente conhecida por Deus, que sonda os corações. Trata-se de decisão consciente e livre de recusa ao perdão divino.

Afirma o Catecismo da Igreja Católica que a “misericórdia de Deus não tem limites, mas quem se recusa deliberadamente a acolher a misericórdia de Deus rejeita o perdão de seus pecados” e a ação santificadora do Espírito Santo (cf. n. 1.864). O perdão de nossos pecados é uma graça, mas essa graça somente nos alcança se quisermos: a salvação é obra de Deus em nós, mas não sem nós.

Por outro lado, quem se torna discípulo e missionário de Cristo se associa intimamente à família de Deus, da qual nunca se aparta, pois fazer a vontade de Deus é a perfeita comunhão com o mistério de Cristo. Somos família de Jesus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 3,20-35): Tudo vos será perdoado

Cristo, com sua fidelidade ao Pai até a morte de cruz, realizou aquilo que foi o oposto da desobediência humana simbolizada pelo pecado de Adão e Eva. A intervenção de Cristo na história instaura a partir de então o Reino definitivo. Os exorcismos de Jesus são a prova de que o Reino de Deus chegou e de que o mal é obrigado a ceder espaço à verdadeira soberania deste mundo, o senhorio de Cristo.

Nos esportes de luta corporal, ficamos cientes de que o lutador mais forte, seja pela

força física, seja pelas estratégias mais elaboradas, é quem vence o mais fraco. A luta de Jesus contra o mal é explicada com metáforas esportivas ou bélicas. Jesus é o mais forte, ele veio em socorro da nossa fraqueza no embate cotidiano contra todas as manifestações do mal. Cabe a nós aderir a esse nosso campeão e saborear essa vitória que também é nossa, pois Jesus nos representa.

É nesse tipo de simbolismo que podemos entender o pecado sem perdão, o qual nada mais é que atribuir ao mal aquilo que é ação redentora do Espírito Santo em Jesus. É sem perdão porque Deus respeita nosso livre-arbítrio e, portanto, não pode nos perdoar quando o nosso orgulho atribui ao mal a ação libertadora de Jesus. É sem perdão não por causa de Deus, que a todos perdoa, mas por causa de quem se exclui voluntariamente do perdão e da salvação.

Somente o Pai que conhece as profundezas dos corações sabe quem assim procede, não nos cabe julgar ninguém. Portanto, devemos focalizar nossa atenção na palavra de Jesus, segundo o qual o Pai está disposto a perdoar todo pecado. Lembremos que Jesus pediu perdão ao Pai por aqueles que o torturaram e o mataram. Se os algozes de Jesus se abriram ao perdão, foram perdoados, porque Deus tudo perdoa.

De outra parte, não esqueçamos que todos os que abraçam a vontade do Pai e a cumprem perfeitamente, seguindo o exemplo do Filho, estão unidos a Jesus com fortes vínculos, comparados aos mais estreitos laços afetivos familiares. Dessa união com Cristo, na única vontade do Pai, é que os cristãos tiram a força para vencer o mal.

2. I leitura (Gn 3,9-15): E, chamando-os, disse o Senhor: “Onde estás?”

Culpada por transgredir o mandamento divino, a humanidade é reencontrada por Deus, que toma a iniciativa de retomar os vínculos de amizade rompidos. O homem lança a culpa na companheira, e esta, na serpente. Mas Deus os



conduz pedagogicamente a assumir a responsabilidade pelos próprios atos e as consequências de suas atitudes. A justiça de Deus é pedagógica; ele se compadece do ser humano, não o deixa à mercê do próprio egoísmo e promete-lhe a vitória sobre o mal, simbolizada no esmagamento da cabeça da serpente.

Uma luta deve ser travada entre o ser humano e o mal; dessa luta ele sairá machucado no calcanhar, mas será totalmente vitorioso e não terá ferimento mortal, suas feridas serão sinais de que lutou intensamente. Eis a sublime vocação humana.

3. II leitura (2Cor 4,13-5,1): O Senhor nos dará o perdão e a sustentação

Quaisquer que sejam as obrigações e os problemas, próprios das limitações da criatura e da história, os cristãos têm motivo suficiente para não sucumbir ou desanimar. Os cristãos possuem a fé, antídoto eficaz contra o desânimo em tempos de angústias e tribulações.

A fé permite discernir tudo corretamente. Ela nos dá como foco aquilo que é invisível aos que não têm fé. Ver além das aparências é acreditar no perdão para todos, acreditar na bondade de quem age de modo que nos parece errado, acreditar na fé de quem parece afastado da Igreja. Ver com o olhar de fé é ver o outro como Deus o vê; por isso, onde existe fé não há preconceito nem exclusão. Quem não tem fé se apega às aparências, ao que é transitório, temporário, superficial. Ao contrário do que comumente se pensa, as coisas invisíveis são muito mais reais e verdadeiras do que as coisas que nos parecem mais concretas.

A expectativa da felicidade após a morte é assegurada pela fé na misericórdia de Deus, que a todos perdoa. A Bíblia usa um símbolo muito forte para expressar isso. A nossa vida terrestre é comparada a uma tenda, que pode ser desarmada a qualquer momento, e a vida pós-morte é como uma “moradia”, um lugar

de descanso, a casa do Pai. Quem deu moradia a Deus na tenda terrestre terá lugar assegurado na cidade celeste.

III. Pistas para reflexão

O evangelho de hoje traz questões aparentemente difíceis, como o pecado contra o Espírito Santo e “os irmãos de Jesus”. São difíceis quando se tira o foco da intenção do evangelista e se passa a concentrar a atenção no que é secundário.

Primeiramente, o principal é a misericórdia de Deus, que nos perdoa sempre. Se alguém não quer ser perdoado, isso é problema de Deus, não cabe a nós resolver, isso é da competência do Pai. A menção ao pecado contra o Espírito tem por objetivo apenas garantir o livre-arbítrio do ser humano e uma chamada de atenção para que não confundamos a ação de Deus com a ação do mal, totalmente distintas uma da outra.

Na nossa época não é diferente, muitas pessoas confundem o bem com o mal. Atualmente muitos consideram bom algo que é mau, como a pena de morte, a eutanásia, a intolerância, o enriquecimento ilícito por meio da desonestidade, da corrupção ou da injustiça etc., ou consideram más coisas que são boas, como a fraternidade, a justiça social, a tolerância. Quem assim procede, orientando toda a vida nesse sentido, está apostando na vitória do mal sobre o bem no mundo atual e dificilmente pode ter fé num mundo futuro, definitivo, sem a presença do mal.

Também tira o foco do que é essencial uma homilia que se dedique a explicar a expressão “irmãos de Jesus”. Sobre essa expressão, o presidente da celebração deve remeter os fiéis para que leiam na própria Bíblia as notas de rodapé que a explicam. Isso educa os católicos a usar a Bíblia ou a fazer um estudo bíblico introdutório. A homilia não deve perder tempo com isso, porque vai tirar o foco do que é essencial.



O evangelista está tentando mostrar que os parentes de Jesus, da mesma forma que os escribas, não entendiam a missão dele. Enquanto os escribas orgulhosos e invejosos atribuíam as ações de Jesus ao poder do mal, os parentes de Jesus pensavam que ele estava em perigo e tentavam protegê-lo, faziam o que é próprio da família. Amar as pessoas é preocupar-se com elas. Jesus sabe disso e, sem desfazer-se dos familiares, amplia a noção de família para além dos laços sanguíneos, remetendo aos vínculos de amor.

Não esqueçamos que a narrativa menciona que Jesus e seus discípulos chegaram à casa de alguém e pretendiam tomar uma refeição, mas um grande número de pessoas foi ali à procura dele e Jesus lhes deu atenção. Ele já não tinha tempo para si, e seus familiares se preocuparam, achando que estivesse ficando louco – literalmente, “fora de si”. Os familiares não entenderam aquelas atitudes e queriam levá-lo de volta para cuidar dele. Jesus pensa numa família mais ampla, nos que são filhos obedientes da vontade do Pai, quer doar-se a esses irmãos, servir a essa família universal.

Nos tempos atuais, também soa como loucura doar-se aos serviços da comunidade, no serviço a Deus e aos irmãos, pois vivemos num mundo de relações mercantilizadas, segundo as quais “tempo é dinheiro” e é considerado “coisa de louco” perder tempo com aquilo que não dá nenhum retorno financeiro.

no momento da maior crise de fé do povo da aliança: o exílio da Babilônia. Quando o povo pensou que tudo estava perdido, porque não havia nenhuma possibilidade humana de solucionar o problema do retorno à terra prometida, Deus enviou o profeta Ezequiel para reanimar a esperança nas promessas divinas.

Um resto de gente humilde e desprezada permanecerá fiel. A palavra do profeta compara esse resto a um raminho que Deus cortará da copa do grande cedro e o transplantará no alto de um monte elevado. Ele crescerá e ramificará a ponto de aves de toda espécie fazerem ninho em seus ramos (Ez 17,22-23). Trata-se de profecia messiânica: Deus mesmo providenciará a solução, enviando o Salvador.

Desse modo Deus age no mundo para instaurar seu Reino, deixando de lado os grandes e poderosos e se servindo de humildes, pobres, desprezados e pequeninos, como o raminho cortado da copa ou a semente lançada no campo. Dessa imagem se serviu Jesus para falar sobre o Reino, uma realidade que não se impõe pelo poder, como os grandes impérios mundiais, mas como realidade oculta, semeada nos corações humildes e, entretanto, com força de expansão inimaginável. O Reino se impõe por intermédio dos simples e apesar das forças contrárias, porque é agir soberano de Deus na história.

11º domingo do Tempo Comum

14 de junho

“Nos átrios de meu Deus florescerão”

I. Introdução geral

As leituras de hoje tratam do agir soberano de Deus sem a dependência da intervenção humana. Primeiramente, isso é assegurado a Israel

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 4,26-34): O Reino de Deus é como a menor das sementes

No trecho do evangelho de hoje, temos duas pequenas parábolas por meio das quais Jesus nos esclarece sobre o Reino de Deus.

Na parábola da semente que cresce sozinha, Jesus mostra que o Reino tem uma força intrínseca, independente da ação humana. Isso



já tinha sido entrevisto no Antigo Testamento, após o fracasso da monarquia. Desde então, o Reino de Deus passou a ser entendido como um reino futuro do final dos tempos, como uma ação escatológica própria de Deus e independente da ação humana. O Novo Testamento afirma que esse Reino tem início com Jesus e não se restringe ao aspecto geográfico; ao contrário, é formado por todos os que aceitam Jesus como Senhor, Caminho, Verdade e Vida.

Exceto pelo fato de ter sido semeada pelo agricultor, a semente cresce e se desenvolve sem a intervenção humana: “Pois por si mesma a terra frutifica primeiramente a erva, depois a espiga, depois o trigo pleno na espiga” (v. 28). Assim é o Reino de Deus na história, que, com base em acontecimentos aparentemente insignificantes aos olhos do mundo, provoca significativas transformações irrevogáveis.

Na segunda parábola, afirma-se que o Reino, aparentemente insignificante nos tempos de Jesus, se estenderá pelo mundo inteiro. O objetivo da narrativa está em explicitar a diferença entre a pequenez da semente e a exuberância da planta no final. Não se deve perder o foco da homilia, mencionando coisas insignificantes como opiniões de pesquisadores sobre que tipo de mostarda seria.

Trata-se de uma parábola sobre o crescimento do Reino. No primeiro momento, Jesus nos apresenta o Reino como algo que começa pequenino, semelhante a uma semente minúscula, e se desenvolve como um vegetal na época da colheita. Em um segundo momento, o Reino nos é apresentado como algo que atrai as pessoas, à semelhança de pássaros que surgem em bandos, procurando abrigo.

Há, na parábola, um contraste entre a insignificância aparente do ministério de Jesus e o desenvolvimento do Reino de Deus a partir desse ministério. O mesmo se pode concluir da atuação dos cristãos na história. Essa parábola ilustra a presença do Reino na história e a expectativa que devemos ter da plena revelação do Reino no futuro.

2. I leitura (Ez 17,22-24): À sua sombra as aves farão ninhos

Os descendentes do rei Davi quebraram a aliança com Deus e grande parte de Judá foi levada para o exílio na Babilônia. Mas Deus é sempre fiel e preparou outra descendência de Davi, por meio da qual as promessas divinas seriam levadas ao pleno cumprimento.

A metáfora de uma árvore é aqui apresentada para assegurar a plena realização das promessas divinas no Reino do Messias. Do raminho cortado da copa, Deus fará uma grande árvore e a plantará num alto monte.

Naquela época, Nabucodonosor orgulhava-se de ter instaurado o grande império da Babilônia, e os exilados de Judá não viam como Deus poderia manter suas promessas. É exatamente nesse cenário histórico que entra o profeta, para assegurar que o próprio Deus está comprometido com a revitalização e a restauração da descendência de Davi. Os projetos ambiciosos dos poderosos deste mundo fracassarão, mas a ação de Deus na história é eficaz e irreversível. Quem pode arrancar o que Deus vai plantar?

O estabelecimento do Reino do Messias deverá mostrar mais claramente às nações do mundo (todas as árvores do campo) que Deus é o rei de toda a terra. O texto da profecia termina com a chamada inversão escatológica; à semelhança do Magnificat de Maria, Deus rebaixará o alto e exaltará o baixo, eis o julgamento dos poderes do mundo.

3. II leitura (2Cor 5,6-10): Dar frutos agradáveis ao Senhor

O texto se inicia mencionando a confiança do apóstolo. O termo traduzido por confiança, no idioma original da epístola, significa ter ousadia, ser audaz. O apóstolo está confiante, apesar de estar encarnado neste mundo e ausente da morada definitiva.

O apóstolo nos exorta a não nos apegar a esta vida, a este mundo. Seria preferível mor-



rer para estar com Cristo, mas, seja lá o que aconteça, devemos nos esforçar para ser agradáveis ao Senhor. É necessário produzir frutos. O sentido mais adequado do v. 9 é: “Contudo, quer estejamos na presença do Senhor, quer vivamos exilados dele, o que nos interessa é agradar a Deus”. Estar exilado do Senhor é estar vivendo ainda neste mundo.

Todos nós seremos julgados pelo Pai, ou seja, teremos de prestar contas da administração de nossos dons e projetos de vida àquele que é fonte de nossa existência e de toda dádiva. Por isso, estar na vida presente é um risco não porque Deus seja um juiz implacável, mas porque não somos fonte de nossa própria existência: nós a recebemos de Deus, com tudo que ela tem de bom e com todas as ferramentas para transformar a nós mesmos e ao mundo. A vida aqui neste mundo exige que produzamos frutos agradáveis a Deus.

III. Pistas para reflexão

Nas parábolas, Jesus não dá uma definição sistemática do Reino. Na primeira destas parábolas de hoje, temos a exposição de como o Reino se expande com uma força que não depende dos seres humanos, mas do próprio Deus. A parábola descreve a força interna do Reino. Na segunda parábola, encontramos a visão externa do Reino. Seu crescimento seria espetacular, desde um pequeno grupo insignificante – como é a semente da mostarda – até chegar a ser uma árvore exuberante.

A homilia deverá enfatizar que o Reino é uma realidade que não se pode ignorar. Deve esclarecer que o Reino não é sinônimo de Igreja, como muitos grupos atribuem. A Igreja está a serviço da expansão dele.

O Reino não se identifica com nenhuma instituição. É a irrupção da presença de Deus na história, uma transformação e conquista não violenta, a partir do interior dos corações, as quais mudam tanto o modo de o ser humano se relacionar com Deus quanto as relações sociais,

que deverão se basear nos critérios divinos, a justiça e o direito.

12º domingo do Tempo Comum

21 de junho

Não tenham medo!

I. Introdução geral

As leituras de hoje nos convidam a deixar nossos lugares costumeiros, a perder o medo e partir para a outra margem. Enquanto estivermos dando demasiada atenção aos nossos problemas pessoais (à semelhança de Jó), não teremos abertura para evangelizar o mundo. O mundo parece estar no caos, as ondas se lançam contra a barca, mas Deus está no controle; é necessário arriscar-se em direção ao novo.

Aventurar-se a sair do ambiente judaico foi o desafio das comunidades do final do primeiro século de nossa era. Após a morte de Jesus, em tempos de conflito, perseguições e medo, e contra aqueles que queriam fechar-se num gueto, alguns cristãos sabiam que o Evangelho deveria ser anunciado ao mundo inteiro e deram início a uma ousada marcha de saída de si.

Por isso, assegura-nos o apóstolo que as coisas velhas passaram, temos de nos renovar. Vamos abrir as janelas da Igreja para que o vento do Espírito Santo remova todo o mofo que ali se acumulou, como diria o papa João XXIII. Que os pastores tenham o cheiro das ovelhas, diz o papa Francisco.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 4,35-41): Vamos para a outra margem

No trecho anterior ao que foi proclamado hoje, Jesus permanecia no barco, ensinando às



multidões por meio de parábolas. Mas no final do dia ele convocou seus discípulos para se dirigirem à outra margem do mar da Galileia.

Do outro lado do mar estavam as cidades de cultura helenista, a maioria das cidades da Decápole. Jesus diz aos seus discípulos que assumam o risco de sair de seu *habitat* original e o levem a lugares diferentes, a pessoas de outra cultura, através das águas bravias e dos perigos costumeiros de uma viagem. Sair de si é sempre arriscado, e é comum sentir medo do desconhecido.

A tempestade simboliza as dificuldades de uma jornada que leva para a outra margem. As multidões ficaram para trás, pessoas que poderiam dar apoio permaneceram do outro lado, agora é a vez de contatar diferentes culturas, religiões, tradições e costumes. Uma nova etapa, um novo começo na vida das comunidades. Trata-se simbolicamente do início da longa marcha da missão universal da Igreja que temos de estar dispostos a continuar, até que Cristo venha.

Às vezes a barca parece afundar, sentimos pânico, mas Cristo está na popa (v. 38), lugar onde fica o piloto que dirige o barco. Pode parecer que Cristo dorme enquanto corremos o risco de perecer, mas ele continua lá no controle do barco, das ondas e do vento.

Não tenhamos medo, vamos à outra margem. Cristo está no barco, este jamais afundará. Vamos sair de nosso comodismo, há um mundo a ser evangelizado.

2. I leitura (Jó 38,1.8-11): O Senhor está no controle

Esse trecho curtinho do livro de Jó parece incompreensível. Mas, na verdade, é de uma profundidade admirável. Jó tinha acabado de exigir uma audiência com Deus para perguntar-lhe sobre os motivos dos sofrimentos pelos quais estava passando. Jó não conseguia entender a ação de Deus, parecia que o Soberano estava muito mudado ou tinha perdido as rédeas do universo. Jó tinha muitas perguntas a fazer a Deus. Quem de nós, na hora

do sofrimento, deixou de perguntar: “Por que, meu Deus...?”

Na leitura que acabamos de ouvir, Deus responde a Jó do meio da tempestade, mostrando que nenhum caos na nossa vida ou na natureza está acima dele. Ele é o Senhor do céu, da terra e do mar. Isso significa que Deus está no controle do universo. Não devemos ter medo, não devemos desanimar quando o sofrimento ou o pânico quiserem se apoderar de nós.

Devemos estar atentos a essa conversa que Deus tem com Jó, ela é bem didática. Ao chamar a atenção para os poderes da natureza e colocá-los acima deles, Deus leva Jó a considerar suas próprias limitações, pois o ser humano não é Deus, mas sim uma criatura entre as outras. E assim, do meio de suas crises, Jó é levado a considerar que sua efêmera existência é marcada por limites, por isso lhe é possível o sofrimento.

Ao constatar a grandeza do universo e o poder de Deus, Jó para de centralizar-se em si mesmo e realiza um êxodo existencial em direção ao outro. Deus conduz Jó para fora de si mesmo. E assim Deus faz com cada um de nós.

3. II leitura (2Cor 5,14-17): Tudo agora é novo

Paulo chama a atenção dos coríntios para o sentido mais profundo da fé pascal. Afirma o apóstolo que o “amor de Cristo nos constrange (nos envergonha, v. 14)”. Cristo morreu por nós, e pouca coisa fazemos para corresponder a tão grande dom. Se Cristo morreu por nós, conclui-se que o antigo modo de viver deve ser abandonado e que assumimos uma nova vida, nos mesmos moldes da vida de Cristo. É necessário sair dos nossos túmulos do egoísmo, remover a pedra do comodismo, para o raiar do dia novo da ressurreição.

Paulo havia mudado radicalmente de vida, por isso tinha autoridade para exortar seus compatriotas a não se apegar ao fato de terem convivido com Jesus pelos caminhos da Galileia. O mais importante não é ter conhecido Cristo segundo a carne, ter sido tes-



temunha ocular ou ser parente de Jesus. O mais importante é viver a vida nova que o Ressuscitado nos trouxe. O mais importante para Cristo não é estarmos na Igreja católica somente por tradição, é assumirmos o projeto missionário que ele nos confiou.

Saímos do fechamento das estruturas conservadoras, pois, “se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que novas são todas as coisas” (v. 17).

III. Pistas para reflexão

Não tenhamos medo, vamos para a outra margem. Este deve ser o grito de ordem para as comunidades de nosso tempo. Apesar do que vem insistindo o papa Francisco, ainda há muitos católicos que querem uma Igreja fechada, com o Evangelho enclaustrado em estruturas arcaicas. Mas Jesus, por meio das Sagradas Escrituras, Palavra de Deus que julga nossas ações, insiste ainda agora, no crepúsculo da história do cristianismo: “Vamos à outra margem, meu Pai está no controle, eu conduzo o barco, as coisas antigas passaram, novas são todas as coisas, não tenham medo!”

São Pedro e São Paulo

28 de junho

Combateram o bom combate

I. Introdução geral

A Igreja celebra o martírio de Pedro e Paulo na mesma data porque eles estiveram unidos no mesmo propósito: seguir Jesus até a morte. Ambos são alicerces vivos do edifício espiritual que é a Igreja. Pedro evangelizou os judeus; Paulo fez a mensagem de Jesus chegar às demais nações. A incessante pregação de ambos foi fecundada com o martírio. Eles dão provas

de até que ponto pode ir o ser humano quando elege o projeto de Deus como opção de vida. Não foram pessoas apenas de palavras, mas testemunhas de que a fé remove as montanhas do egoísmo. O modo como viveram e como morreram questiona o comodismo de nossa fé.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mateus 16,13-19): As portas do inferno não vencerão

No evangelho de hoje, Jesus faz duas perguntas aos discípulos. Na primeira ele quer saber o que as pessoas em geral estão dizendo a respeito dele e, na segunda, o que os discípulos pensam sobre ele.

Com essas perguntas, parece que Jesus está fazendo uma pesquisa de opinião, para ver se a mensagem dele está sendo entendida pelo público. Ele está ocupado em construir, na consciência coletiva, a identidade dele, ou seja, quer estabelecer exata compreensão a respeito do Messias e, além disso, do tipo de Messias que ele é. Jesus faz essas perguntas aos discípulos porque sabe que da correta assimilação da identidade dele depende a correta compreensão de sua mensagem. Se alguém entende de forma errada quem é Jesus, compreenderá erroneamente a sua mensagem e terá uma práxis totalmente diferente da que ele espera.

Nas respostas dos discípulos à primeira pergunta, são explicitadas as diversas esperanças messiânicas de Israel.

Pedro toma a iniciativa de responder à pergunta feita aos discípulos sobre a identidade de Jesus. Mas é a comunidade dos discípulos, representada por Pedro, quem diz corretamente quem é Jesus e qual é sua missão. A resposta da comunidade representada por Pedro é uma profissão de fé no “Cristo, Filho do Deus vivo”.

Essa profissão de fé não é fruto da lógica e do esforço humano, mas é revelação divina,



pois quem o revela à comunidade é o próprio Pai, que está no céu. Foi a abertura da comunidade à revelação divina que possibilitou reconhecer e confessar a fé no Cristo. E é sobre a fé confessada no Cristo, Filho do Deus vivo, que a Igreja é edificada. A expressão “esta pedra” refere-se à confissão de fé e é um trocadilho com a palavra “Pedro”, por cujos lábios ela é pronunciada. O fundamento da Igreja é Jesus, pedra angular (Mt 21,42), confessado como Messias/Cristo pela comunidade de seus seguidores (são João Crisóstomo, Homilia XXI,1).

Porque a comunidade dos seguidores confessou a verdadeira identidade de Jesus como Messias/Cristo, pedra angular ou fundamento, ela recebeu “as chaves do Reino” (e não da Igreja). O termo “chaves” significa ter acesso e, nesse caso, remete a Is 22,22. Então, é tarefa da Igreja cuidar da obra divina não como um proprietário, pois o Reino é de Deus, mas como um mordomo ou despenseiro que cuida da casa de seu verdadeiro senhor, ao qual prestará contas de seu serviço. E cuidar do Reino significa fazer que ele cresça neste mundo.

Então a principal tarefa da comunidade dos discípulos de Jesus, a Igreja, é proporcionar o avanço do Reino dos Céus (ou de Deus). Esse avanço significa uma ofensiva a tudo que se constitui em antirreino (representado pelo termo “inferno”). “As portas”, naquela época como hoje, significavam o poder de defesa. Uma cidade (murada) com portas resistentes tinha grande poder de defesa numa batalha. “As portas do inferno não resistirão” significa que a comunidade dos discípulos de Jesus faz o Reino avançar contra o antirreino (o inferno), e por mais fortes que sejam os poderes de defesa (as portas) do inferno, eles não conseguirão resistir por muito tempo ao ataque da Igreja, a qual por fim verá o Reino vencer e ser instaurado plenamente. As portas do antirreino cairão ao final do ataque feito pela Igreja.

Em vista do avanço do Reino, uma das tarefas da Igreja é “ligar ou desligar”, mas isso

não diz respeito a uma autoridade soberana do líder da Igreja. O sentido de “ligar ou desligar” refere-se ao âmbito da comunhão entre o fiel e a comunidade, ou melhor, ao sacramento da reconciliação. É precisamente no âmbito do ministério da reconciliação que a Igreja exerce a tarefa de excluir oficialmente um membro da comunhão plena ou de readmiti-lo (reconciliá-lo), uma vez cumpridas certas condições. Desse modo, “ligar ou desligar” significa fundamentalmente a faculdade de perdoar os pecados, reconciliando o pecador com Deus, mediante a visibilidade do sacramento, impondo-lhes condições e obrigações que sejam o sinal da verdadeira conversão.

2. I leitura (Atos 12,1-11): Foi lançado na prisão

Na primeira leitura, Pedro é envolvido no mesmo destino de Jesus, primeiramente porque foi preso na festa dos pães sem fermento (a Páscoa). Além disso, o texto começa com a decisão do rei Herodes de tentar destruir a Igreja, prendendo e matando seus líderes. O rei deseja remover os pilares da casa para fazer a construção inteira ruir. A prisão de Pedro não é um fato isolado – na mesma época, Tiago (filho de Zebedeu) foi martirizado. O governante condena pessoas inocentes para garantir a própria popularidade, algo semelhante ao que foi feito a Jesus.

Os detalhes de como Pedro estava sendo guardado pelos soldados romanos apenas asseguram que uma fuga seria impossível. Enquanto Pedro estava preso, a Igreja reunida orava incessantemente, solidarizando-se com a situação dele, pois constituíam um só corpo no Senhor. E ao fervor da oração, Deus respondeu com a libertação. Na noite anterior ao dia em que Herodes apresentaria Pedro ao sinédrio para ser condenado, Deus agiu em resposta à oração da Igreja.

O texto enfatiza que Pedro dormia enquanto esperava o próprio julgamento e condenação. Pedro teve dificuldade de saber se o que estava acontecendo era real; isso significa que ele não



esperava uma libertação. E se mesmo assim conseguia dormir, fazia-o porque confiava plenamente em Deus e estava preparado para morrer por sua fé. Enquanto Pedro está sendo libertado, o texto faz questão de mencionar novamente que a prisão era de segurança máxima e, apesar de todas as precauções, Herodes não conseguiu o seu intento de destruir a Igreja.

3. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18): Terminei minha carreira, guardei a fé

O texto da segunda leitura se refere ao momento em que Paulo estava preso e pensava que seria condenado à morte. Suas palavras não revelam nenhuma amargura, mas a serenidade de quem se abandonou nas mãos de Deus. O apóstolo estava pronto para ser imolado, isto é, estava à disposição para ser morto por causa do Evangelho. Além disso, considera que a morte por causa do Evangelho é aceita por Deus como verdadeira oferta ou sacrifício.

A vida do cristão é comparada a uma batalha e a um esporte de Olimpíada: “Combati o bom combate, terminei minha carreira” (v. 7), mas em tudo a fé saiu vitoriosa, faltava apenas subir ao pódio e receber a coroa de louros que confirmava a vitória. Isso significa que o apóstolo sabe que Deus não deixará sua morte sem resposta. A última palavra não é a morte, a última palavra é de Deus, que dá vida plena àqueles que nele se abandonam. A ressurreição não significa um prêmio, mas sim que Deus partilha a

vida que lhe é própria (eterna) com aqueles que a ele doaram a vida humana e efêmera. A ressurreição é grande dom de Deus, e não simples troca de uma vida por outra. A vida que doamos a Deus em nada se compara à vida eterna que ele gratuitamente nos dá. Por isso não é um prêmio. A coroação de que o apóstolo fala significa que a última ação é de Deus e não do carrasco.

III. Pistas para reflexão

A prisão dos dois apóstolos atesta que somente é verdadeiro discípulo de Cristo quem por ele enfrenta perseguições e martírios, mantendo a fé/fidelidade. Os exemplos de Pedro e de Paulo mostram que a Igreja não é edificada sobre pessoas, mas sobre a confissão de fé no Cristo ressuscitado e ressuscitador. Tal confissão de fé não é apenas um discurso de belas palavras, mas testemunho de vivência na fidelidade a Deus, custe o que custar, mesmo que seja a própria vida. Muitas pessoas se orgulham de que Cristo tenha entregado as chaves do Reino a Pedro e não se lembram de que as chaves significam serviço. Outras pessoas se ufam de que Pedro tenha recebido a missão de “ligar e desligar” e não sabem que o objetivo disso é manter a Igreja numa fé autêntica e operante no mundo.

É oportuno que fique claro, mesmo quando Pedro é o padroeiro do lugar, que a festa é também de São Paulo. Ambos são as duas colunas principais da Igreja. ●

A Igreja e seus ministros

Uma teologia do ministério ordenado

A Igreja é uma comunidade articulada em diferentes funções. Todas elas provêm do Espírito de Deus. Esta obra trata de estabelecer a maneira como a Escritura e a Tradição nos apresentam o ministério ordenado, para posteriormente analisar a celebração do sacramento da ordem e o valor nela expresso. (328 páginas)

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

pauluseditora.official
 editorapaulus
 paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.

Aprendizado e fé para toda a vida

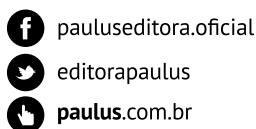
Série de 4 DVDs desenvolvidos pela Doutora Viviane Cristina Cândido sobre a intensa ligação entre nossas experiências religiosas, estudantis, profissionais, amorosas e familiares. Uma coleção cuja intenção é contribuir com o diálogo sobre nossas relações e a convivência na diferença.



VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



Avanços na *Teologia Mariana*



728 págs.

Mariologia social **O significado da Virgem** **para a Sociedade** Clodovis Boff

Obra de peso sobre o significado especificamente social ou público de Maria nos vários planos: histórico, bíblico, magisterial, dogmático e da devoção popular. Uma obra inaugural, importante para o avanço da teologia mariana numa área vital e urgente da missão da Igreja.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. - Imagens meramente ilustrativas.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

